BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XXI ● FEVEREIRO DE 1946 ● N.º 228

Exportação Brasileira de Café

1946

Saca de 60 quilos

PÔRTO DE EMBARQUE	EXTERIOR	CABOTAGEM	TOTAL
Janeiro :			
Santos	810 798	711	811 509
Rio de Janeiro	219 609	4 225	223 834
Vitória	103 076	61 675	164 751
Paranaguá	1 850	—	1 850
Angra dos Reis	17 050	—	17 050
Salvador	1 700	2 020	3 720
Recife	6 000	85	6 085
Caravelas	—	2 169	2 169
Belém	200	—	200
Corumbá	18	—	18
Total de Janeiro	**1 160 301**	**70 885**	**1 231 186**
Janeiro de :			
1945	1 107 576	31 238	1 138 814
1944	1 293 662	36 091	1 329 753
1943	468 877	30 448	499 325
1942	966 584	26 112	992 696

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXI | FEVEREIRO DE 1946 | Número 228

Sumário

COLABORAÇÃO:

Retrospecto mensal do mercado de café em Santos. Janeiro de 1946.

Café, Erosão e Reflorestamento. *J. C. Mello.*

Distribuição geográfica e classificação botânica do gênero Coffea com referência especial à espécie Arabica. *Alcides Carvalho.*

Relatório de uma viagem de estudos sôbre a lavoura cafeeira nos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. *J. E. T. Mendes. C. A. Krug. J. Bergamin.*

ESTATÍSTICAS:

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que as solicitarem.

SEPARATAS :

A Fabricação de Carvão na Fazenda de Café — (esgotada)

O Controle à Erosão nos cafèzais Sulcos e Cordões em Contôrno — Hélio Viégas de Camargo Bittencourt.

Técnica das Adubações — A. Menezes Sobrinho.

O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi — Rogério de Camargo

O "Cheiro do Mato" (Sombreamento do Cafeeiro) — Adalberto de Queiroz Teles Junior.

Economia Cafeeira — A. Menezes Sobrinho.

Adubação verde para cafèzais — J. E. Teixeira Mendes

Da secagem mecânica do café — Rogério de Camargo

Culturas Acessórias na Fazenda de Café :

I — Feijão soja, fácil fonte de proteína — N. A. Neme

II — O Milho — G. P. Viégas

III — Arroz — Alimento básico tropical — H. S. Miranda

RELAÇÃO DOS CAFEICULTORES DO ESTADO DE SÃO PAULO :

PRIMEIRO VOLUME — (esgotado)

SEGUNDO VOLUME : Municípios de : Avanhandava, Barretos, Cabreuva, Caçapava, Caconde, Campinas, Cedral, Cravinhos, Franca, Guará, Guaratinguetá, Ibitinga, Igarapava, Indaiatuba, Itirapina, Ituverava, Jacarei, Jambeiro, Jardinópolis, Jaú, Limeira, Mococa, Mogi Mirim, Monte Alto Pindamonhangaba, Pindorama, Ribeirão Bonito, Rio Claro, Santa Adélia, São José do Rio Pardo, Taquaritinga, Tietê.

TERCEIRO VOLUME : Municípios de : Andradina, Botucatu, Catanduva, Fernando Prestes, Guaira, Guariba, Iacanga, Ibirá, Itápolis, Itu, Jaboticabal, Joanópolis, Jundiaí, Leme, Lindóia, Matão, Mineiros, Mogí Guassú, Nuporanga. Olímpia, Orlandia, Paulo de Faria, Pederneiras, Pedregulho, Pereira Barreto, Pinhal, Piracaia, Pirassununga, Pôrto Ferreira, Ribeirão Preto, Rio Preto, São Carlos, São José dos Campos, Serra Azul, Socorro, Tabapuã, Tabatinga, Taubaté, Torrinha, Tremembé, Vargem Grande, Viradouro.

QUARTO VOLUME : Municípios de : Araçatuba, Bela Vista, Birigui, Candido Mota, Guararapes, Maracai, Novo Horizonte, Palmital, Paraguassu, Penápolis, Presidente Bernardes, Presidente Venceslau, Promissão, Quatá, Rancharia, São Pedro do Turvo, Tanabi, Valparaizo.

QUINTO VOLUME : Municípios de : Assis, Avaré, Avaí, Cerqueira Cesar, Coroados, Dois Corregos, Dourado, Fartura, Gália, Garça, Ipaussu, Itajubi, Leme, Marilia, Mirassol, Óleo, Ourinhos, Piraju, Pompéia, Regente Feijó, Salto Grande, Santa Barbara do Rio Pardo, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo Anastácio, São Carlos e Torrinha.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA S. S. C. — 1937 - 1938 - 1939 (esgotado) 1940 - 1941 - 1942 - 1943 - 1944.

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

Retrospecto mensal do mercado de café em Santos

(Especial para o Boletim da S. S. C.)
— Panameuro —

Janeiro de 1946

Ao iniciar as atividades do ano de 1946, o mercado, na praça de Santos, apresentou-se com o mesmo aspecto que o vinha caracterizando há vários dias, isto é, dentro de um ambiente muito calmo.

No setor de disponível, no início do mês de Janeiro, foram poucas as ordens de compras dos centros consumidores, que se baseavam em ofertas dentro dos preços "Ceiling" acrescidos dos três centavos de subsídio.

Os embarques para o Exterior ultrapassaram um milhão de sacas movimento êsse que evidenciava que no decorrer do mês de Dezembro do ano p. passado foram ultimados negócios dentro das atuais bases do mercado.

Embora cingido ainda a preços estabelecidos é geral a confiança na praça para melhores bases, em virtude da posição estatística do café, que positivamente oferece essa perspectiva.

A safra do ano passado, que está sendo embarcada, não é grande, e a que está na árvore, seguindo os melhores cálculos não passará de oito milhões de sacas.

Assim sendo, haverá certamente equilíbrio com a exportação, não havendo sobras nem excessos.

O mercado de entregas dirétas manteve-se também calmo, com poucos negócios, tendo vigorado as bases seguintes:

	Cr $
Janeiro	58,50
Janeiro a Junho de 1946	59,00
Julho a Dezembro de 1946	59,00
Janeiro a Junho de 1947	59,00

No decorrer dos dias, o mercado não ofereceu modificação, a não ser na aplicação de alguns lotes de cafés finos, para embarques para a Europa.

Êsses cafés foram procurados pelos exportadores, que embora em quantidade muito restrita ofertaram em bases acima do "Ceiling".

Entretanto, os recursos européus ainda são muito reduzidos e, após a compra feita para embarques imediatos, o mercado volta ao estado calmo de antes, isto é, com ofertas nas bases do preço máximo americano, mais três centavos de subsídio.

No mercado de entregas dirétas não houve alterações dignas de registro, tendo as cotações oscilado entre 50 centavos a um cruzeiro, isto é, uma base de 59 à 59 cruzeiros e cincoenta para entregas dos meses futuros.

Os embarques de exportação foram bons atingindo quota apreciável.

O movimento estatístico da praça de Santos, no mês de Janeiro foi o seguinte:

	sacas
Entradas durante o mês	482.001
Entradas desde 1.º de Julho	4.980.198
Embarques durante o mês	824.260
Embarques desde 1.º de Julho	7.248.907
Existência em 31-1-1946	2.218.618

Segundo o Sindicato dos Corretores de Café de Santos foram feitos e registrados os seguintes negócios.

CAFÉ DISPONÍVEL

	sacas
Durante o mês	446.338
Desde 1.º de Julho	5.293.584

CAFÉS EM CONHECIMENTOS OU POR EMBARCAR

	sacas
Durante o mês	65.589
Desde 1.º de Julho	933.903

CAFÉS A FATURAR NA CHEGADA

	sacas
Durante o mês	32.331
Desde 1.º de Janeiro	621.500

ENTREGAS DIRETAS

	sacas
Durante o mês	621.500
Desde 1.º de Janeiro	621.500

Café, Erosão e Reflorestamento

J. C. Mello

Não será o café o maior responsável pelo grande problema da erosão, que dia a dia se vai tornando mais grave, entre nós. Seu carater de cultura permanente evita, mesmo, até certo ponto, a destruição da terra arável, que outras atividades agrícolas, como por exemplo a do algodão, acarretam no mais alto grau. Não será também êle o maior responsável pelo desflorestamento, em que caminhamos a passos acelerados. Poder-se-ia até dizer que, planta arbustiva, como é, não constitue pròpriamente o cafeeiro uma destruição pura e simples da capa florestal que cobre o país.

Tudo isso, entretanto, é relativo. A erosão nos cafèzais também se produz, muito embora seja das menores, entre as outras culturas. Acontece, todavia, que o cafeeiro muito freqüentemente é plantado em terrenos ondulados ou montanhosos e, geralmente, alinhado em sentido descendente, o que permite livre descida às águas pluviais, com todos os inconvenientes que isso produz. Não fosse isso, e os cafeeiros plantados em curvas de nível, com terraços protetores ou leiras de espaço a espaço, poder-se-ia afirmar que a erosão nos cafèzais seria mínima. O fato é que todos nós podemos constatar consideráveis danos nos terrenos inclinados dos velhos cafèzais, danos êsses que chegam às vêzes a se tornar irremediáveis.

E não é pequena a área que, num estado cafeeiro como S. Paulo, vai sendo pouco a pouco tomada pelas areias ou descascada de sua camada superior e fértil, que tantos anos leva a natureza a criar. Acresce que essa superfície não é tomada aos campos ou cerrados de secundária fertilidade. Para o café, que "exige terra boa", essa área é tôda conquistada às florestas virgens, pois a rubiácea, segundo a opinião generalizada, só se dá bem com o "bafo do sertão".

Para o plantio de cafèzais devem-se ter cortado (aliás, queimado, na maioria das vêzes) cêrca de 1.000.000 de alqueires paulistas de matas, calculando-se que chegamos a ter 1.500.000.000 de cafeeiros, a 2.000 cafeeiros por alqueire, e considerando-se um certo desperdício de terreno e mesmo o deslocamento dos cafèzais, o que não aumentava o total de cafeeiros mas importava nova destruição de matas.

S. Paulo tem cêrca de 10.000.000 de alqueires paulistas de terras, que a tanto equivalem cêrca de 250.000 quilômetros quadrados, a 41 alqueires por quilômetro. Se essa superfície total fosse originàriamente coberta de florestas, só o café teria contribuído para a destruição de uma décima parte. Por aí se vê quão grande é o seu papel, relativamente ao assunto. Acontece, porém, cousa mais grave: acontece que a grande maioria dos cafèzais de S. Paulo tem já idade avançada e, com o alcançado equilíbrio estatístico e a possibilidade de bons preços, grandes plantações se irão fazer, em sua maioria à custa das florestas ainda existentes, pois quase todos os fazendeiros estão convencidos de que o cafeeiro não produz em terras **velhas**, mesmo se convenientemente adubado e tratado. Nessas condições, é de se esperar que o ataque às nossas florestas, às poucas que ainda nos restam, irá ser intenso.

É bem verdade que o fim da guerra, e a conseqüente maior possibilidade de importação de combustíveis, irá reduzir o corte das matas para a obtenção de lenha e de carvão. Mas, de outro lado, o corte de florestas para madeira de construção vem sendo continuamente aumentado; o fabrico de papel vai come-

çando a absorver uma quantidade de árvores cada vez maior ; o plantío de cereais continua sendo grandemente responsável pelo desflorestamento ; e, **last but no least,** as queimadas teem também um notável papel nesse trabalho de destruição.

Em realidade, bem apuradas as cousas, o total de árvores destruídas pelo fogo deve ser superior ao das que são derribadas para um aproveitamento maior ou menor. E, há ainda a acrescentar que nessa destruição pelas queimadas, além do prejuizo total quanto aos vegetais, de que só resta, a ser aproveitado pelo solo, um pouco de cinzas, há também a destruição do próprio solo, queimando-se o húmus, os microorganismos da terra arável e destruindo-se ainda pássaros e animais úteis e também as sementes de muitas essências florestais dignas de conservação.

* * *

Um dos maiores conhecedores do interior do Brasil, o coronel João Alberto, em uma de suas conferências sôbre a Fundação Brasil Central, afirmou que, "ao contrário do que a maioria dos brasileiros supõe, o Brasil é pobre em florestas. Chegaria mesmo a dizer que o Estado de Goiaz tem menos florestas que a Turquia ou a Iugoslávia. E, no entanto, todo brasileiro imagina que não há florestas na Europa e que o Brasil deve ser coberto de matas".

Relativamente ao Estado de S. Paulo, de que temos à mão vários dados, parece que a área coberta de florestas não vai além de uns 15%. Um gráfico da Estatística Agrícola e Zootécnica da Secretaria da Agricultura, referente a 1937-38, dá ao Estado uma área florestada de 17%. Baseado em vários estudos, o engenheiro Álvaro de Souza Lima calcula que, presentemente, essa superfície não irá além de 13%. Admitamos 16%, ou sejam cêrca de 40.000 quilômetros quadrados e, pois, de 1.640.000 alqueires, de reserva florestal. Isso não durará mais que um quarto de século, na base da destruição atual. Só em 1943, diz-nos a Diretoria do Serviço Florestal do Estado, foram consumidos 32.000.000 de metros cúbicos de lenha (números redondos) sem falar no carvão e sem falar, principalmente, na quantidade imponderável que devem ter destruído as queimadas. Esses.... 32.000.000 de metros cúbicos seriam fornecidos por 64.000 alqueires de matas. O cálculo é, pois, simples : com uma destruição de 64.000 alqueires por ano, em cêrca de 25 anos não teremos mais florestas no Estado de S. Paulo. Será necessário importar tôda a madeira, lenha e carvão do Paraná ou de Mato Grosso, se êles ainda os tiverem, para exportar. Do contrário ... iremos bucar madeiras na Suécia, na Noruega, no Canadá, na África, e quem sabe se em Paris ou New York ?

A não ser que os eucalíptos, ou outras essências de crescimento rápido, contribuam para atenuar o mal, e que o corte e destruição das matas venha a ser mais racional e menos intenso. Não deve haver, porém, ilusões daqueles que conhecem mal o assunto : o que se tem plantado em eucalíptos, pinheiros, etc., não atinge, **até agora,** a 150.000.000 de árvores. E só **anualmente** se derruba, para lenha e outros fins, cêrca de 200.000.000 ! O eng.º Souza Lima, de quem tomamos êstes dados, diz que, para reflorestarmos apenas 25% do Estado, precisaremos replantar sòmente 8.000.000.000 (oito bilhões) de árvores !

Deste rápido apanhado se infere qual a nossa situação na matéria. E deve-se pensar que, mesmo no momento, enquanto ainda temos alguma cousa para cortar e queimar, essas pequenas reservas já estão situadas bem longe, nas barrancas do Paraná ou do Paranapanema, nas encostas ínvias da serra do Mar. Representa, pois, o seu transporte aos centros de consumo, um considerável trabalho e dispêndio, de mão de obra, do próprio combustível e, em última análise, de dinheiro e de tempo.

Há a notar, ainda, que o valor das matas não deve ser considerado apenas sob o ponto de vista da madeira : deve-se levar em linha de conta as plantas medicinais, ornamentais, etc., nelas existentes ; os pássaros, tão benéficos à agricultura ; os animais silvestres, tão variados e interessantes. Acima de tudo, porém, deve-se por em linha de conta, o valor das florestas na defesa dos terrenos contra a erosão, e na estabilização da nossa climatologia. Ninguém ignora as irregularidades climatológicas dos últimos tempos, que tantos e tão graves danos teem causado à nossa agricultura, irregularidades essas que tendem a tornar-se permanentes. Já o clima do planalto, dizem os observadores, se ressente da falta daquela umidade existente há alguns anos, no tempo em que havia ampla cobertura de florestas. O resultado, além da diminuição das águas dos rios, é que as geadas se tornam mais fáceis, mais bruscas as mudanças de temperatura, as enchentes mais destruidoras e, principalmente, falta o ambiente de umidade necessário aos nossos cafèzais, que definham em acelerado.

* * *

Como e até que ponto poderiam, café e cafeicultores, concorrer para a solução do grave, do urgente problema do reflorestamento ? Como já vimos, o assunto, pela sua magnitude, é de âmbito geral e tôdas as classes e pessoas devem se interessar por êle. Principalmente duas entidades : o Govêrno e as Estradas de Ferro. Mas, não se infira daí que pouco proveitoso seria o auxílio dos cafeicultores : classe numerosa e, muitas vêzes, formada de elementos cultos e representativos, espalhada por tôdas as latitudes do Estado, ela muito poderia auxiliar nessa campanha tendente a preservar o pouco que ainda temos, em florestas, e a replantar quanto fosse possível. Para isso seria necessário, ao plantar e replantar cafeeiros, prescindir ao máximo da derribada de novas florestas ; impedir, principalmente, as queimadas, quando de todo a derribada fosse indispensável ; sombrear os cafèzais, onde e quando a técnica aconselhasse, pois com isso se concorreria, indiretamente, à solução do problema do reflorestamento ; plantar, sempre, novas árvores, mesmo de eucalíptos ou outras quaisquer, pois, se bem que não substituam integralmente as florestas nativas, pelo menos contribuem para poupá-las. Deveria, até, haver a preocupação de, a cada árvore derribada fazer corresponder, pelo menos, uma árvore plantada.

Note-se, ainda, que os bosques de eucalíptos, se em alguns pontos substituem as florestas naturais e às vêzes até com vantagem, haja vista a uniformidade e, pois, a facilidade de exploração, sem falar na rapidez do crescimento, em outros pontos deixam muito a desejar : a variedade de plantas úteis e medicinais, de essências preciosas, raras e duradouras, não existe ; e, quanto aos animais, principalmente os pássaros, o **habitat** constituído por êsses bosques artificiais não satisfaz, em absoluto. Êsses bosques, embora úteis industrialmente, não teem vida. Cultivêmo-los, pois, mas não esquecendo as nossas belas florestas nativas, mantendo-as quanto possível, ou restaurando-as sempre que isso seja viável. Um meio fácil e prático consiste no reflorestamento mixto : aproveitar as capoeiras e capoeirões entremeiando nêles, de espaço a espaço, essências mais valiosas, que, assim, se beneficiarão do ambiente florestal para se desenvolverem.

Lembremo-nos de que nossa terra perde fertilidade cada vez mais. As colheitas, hoje, são apenas uma lembrança do que foram. E a perda de fertilidade é uma conseqüência do mau trato da terra, má agricultura, desflorestamento exagerado, erosão. Para a terra, não há idade. Bem cultivada, ela produz eternamente, haja vista a Europa e a velha China.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA E CLASSIFICAÇÃO BOTÂNICA DO GÊNERO COFFEA COM REFERÊNCIA ESPECIAL À ESPÉCIE ARABICA

Alcides Carvalho
do Instituto Agronômico — Campinas

III

IV — Descrição e origem de algumas das espécies mais conhecidas de Coffea

Deixando para um capítulo à parte a descrição do **C. arabica** L., passemos em revista algumas espécies cultivadas em outras regiões cafeeiras, de acôrdo com a data de sua descrição botânica.

1. **Coffea liberica** Hiern.

(Cafeeiro da Libéria, da Monróvia, cafeeiro de sementes grandes).

Esta espécie pertence à Subsecção **Pachycoffea,** Secção **Eucoffea** e possui, assim, sementes com cafeina. Em comparação com a var. **typica** do **C. arabica,** com a qual costumamos fazer todos os confrontos, esta espécie se distingue pelos seguintes caracteres (2, 7, 10) :

a) Porte mais elevado — 6 a 12 m ; fotma piramidal ;
b) Fôlhas mais coriáceas, brilhantes, maiores e mais largas ;
c) Flores produzidas em várias épocas do ano, bem maiores, com 6 a 8 lóbulos na corola, 6 a 8 estames e estilo normal ;
d) Frutos bem maiores, não caindo após a maturação, isto é, muito mais persistentes na planta. Exocarpo muito mais grosso e coriáceo ; disco muito maior, polpa desenvolvida, consistente e menos doce e endocarpo mais espêsso ;
e) Sementes maiores, película prateada mais aderente e endosperma côr de cera.

Deu-se grande preferência à cultura dessa espécie no período 1880 a 1905, logo após à invasão dos cafèzais de algumas regiões cafeeiras pela Hemileia. Hoje sua cultura está em franco declínio, pois é pouco produtivo e não mostra grande resistência à Hemileia como então se julgava, principalmente as árvores adultas, como se verificou na Malaia e Indochina (2, 9). Adam Afzelius, que morou na costa ocidental da África por vários anos até 1792, foi o primeiro a colhêr o **C. liberica** em Serra Leoa onde é encontrado em cultivo, porém não a descreveu. Aubry Lecomte escreveu, em 1865, que no Gabão se cultivava a espécie de cafeeiro tido como de Monróvia e de sementes muito grandes. A planta foi assinalada com o nome de **Coffea liberica** pela primeira vez em 1874 em um catálogo de Horticultura inglês, mas não foi senão em 1876 que Hiern descreveu a planta (2, 10, 11). Desde 1875 êste cafeeiro tem sido levado a vários países tropicais e também a Java. Hoje, como mencionamos, só há pequenas plantações em alguns países sendo mais importante apenas em Serra Leoa, na República da Libéria, na Costa do Marfim, em Lagos (Nigéria) e na Guiana Holandêsa (2, 9, 15). O **C. liberica** é tido como originário das florestas da Libéria e da Costa do Marfim (7, 9).

Os enxertos do **Coffea liberica** que possuímos na coleção de Campinas são originários de uma só planta existente na fazenda Cravinhos, em Cravinhos, São Paulo, onde, possìvelmente, foi plantada por Luiz Pereira Barreto. Enxertado sôbre o **C. excelsa** se desenvolvia normalmente quando sobreveio a geada de 1942, que o destruiu quase por completo enquanto outras espécies do mesmo grupo resistiram bem. Êsses enxertos floresciam abundantemente e os frutos eram muito mais tardios no desenvolvimento que o arabica, levando quase um ano para amadurecer.

Citològicamente, essa planta liberica possui 22 cromosômios somáticos e os cruzamentos com o arabica são bastante difíceis. Possuímos um só híbrido dessas duas espécies que ainda não floresceu. Cruza-se mais fàcilmente com o **C. excelsa** como era de se esperar e dêsse cruzamento possuímos vários exemplares em pleno desenvolvimento.

O **Coffea liberica** que possuímos é autoestéril, daí resultando difícil a análise genética de seus caracteres.

2. **Coffea congensis** Froehner

(Cafeeiro do Congo, Cafeeiro dos rios inundados, Cafeeiro de Chalot).

Difere esta espécie da var. **typica** do **C. arabica,** principalmente nos seguintes caracteres (2, 6, 9) :

a) Porte mais elevado e tipo de ramificação diferente, no geral multicaule (1-4m).

b) Fôlhas maiores, mais onduladas e mais coriáceas.

c) Flores com 6-7 lobos na corola, 6-7 estames e estilo normal.

d) Frutos no geral um pouco menores, ovóides ou oblongos, vermelho bem escuros quando maduros, disco desenvolvido, exocarpo delgado e mesocarpo pouco desenvolvido ; comumente bastante pedunculados.

e) Sementes pouco menores, endosperma esverdeado como o do arabica.

O congensis é nativo da bacia do Congo, do Sanga, particularmente na região de Ikelemba e da bacia do Ubanghi desde Liranga até além da confluência do Kuango com o Ubanghi até o Forte de Possel, em altitudes que vão de 300 a 450 m. Foi também observado no Ibenga e no Baniembe, nos distritos de Equador, de Bengala e Aruwimi. Em Brazzaville ocorre sôbre as elevações de Stanley-Pool. Ao longo dos rios do Congo Médio, o Congensis se estende pelo Congo Belga até Stanley Falls. Ao longo dos afluentes do Ubanghi não atinge mais que 5.° L. norte, não existindo assim nos afluentes do Chari. Segundo Chevalier, o congensis é encontrado abundantemente no Congo Médio, depois de Bolobo até Irebu. Chevalier mesmo o encontrou desde a confluência do Ubanghi com o rio Congo até Bessou perto do Forte de Possel, aos lados dos afluentes do Ubanghi. Foi ainda assinalado até Abiras perto da confluência do Uelé e do Mbomu. Trata-se, pois, de uma espécie bem equatorial (5.° L. N. a 4.° L. S.) e da bacia do rio Congo e de seus principais afluentes. Aí é o Congensis freqüente nas matas que bordam os rios, pendendo sôbre as águas. O arbusto selvagem é pouco produtivo e fica, parte do ano, parcialmente coberto pelas águas de inundação (2, 6, 8, 9).

Alguns autores vêm no Congensis a forma selvagem do arabica. São espécies realmente vizinhas, porém suas áreas de distribuição são bem distintas.

Ao que parece, o Congensis foi primeiramente encontrado pelo missionário George Grenfell em 1884, quando pela primeira vez penetrou no baixo Ubanghi

e baixo Sanga. Grenfell relata que os indígenas conheciam êste cafeeiro pela polpa doce do fruto que comiam, mas não faziam uso das sementes do café e, até a chegada dos europeus, não cultivavam a planta que só era encontrada espontâneamente. Era conhecido na população de Bantu, pelo nome de **Musa saku**. A planta posteriormente foi observada por Em. Laurent, Dybowski, Chalot e outros, mas só foi descrita por Froehner em 1897 (2, 6). O Congensis, na África, é tido como pouco produtivo, motivo por que não se tem desenvolvido a sua cultura (6).

Êste cafeeiro é representado na coleção de Campinas por enxertos e mudas de sementes obtidas da coleção do Horto Florestal de Rio Claro. Desenvolveram-se bem e produzem boas colheitas, sendo o café de regular aspecto e qualidade. Bastante rústico, o Congensis talvez possa ser plantado em algumas regiões do Estado do Rio de Janeiro e Espírito Santo, segundo a opinião de J. E. T. Mendes e C. A. Krug, dêste Instituto.

Citològicamente, o Congensis revelou possuir 22 cromosômios somáticos. Do cruzamento entre esta espécie e o arabica conseguimos, até hoje, um único exemplar que ainda não floresceu.

Nada sabemos quanto à hereditariedade dos seus caracteres, principalmente por se tratar de uma espécie autoestéril. O Congensis tem sido utilizado pela Secção de Café do Instituto Agronômico como porta enxêrto para outras espécies de **Coffea** (14).

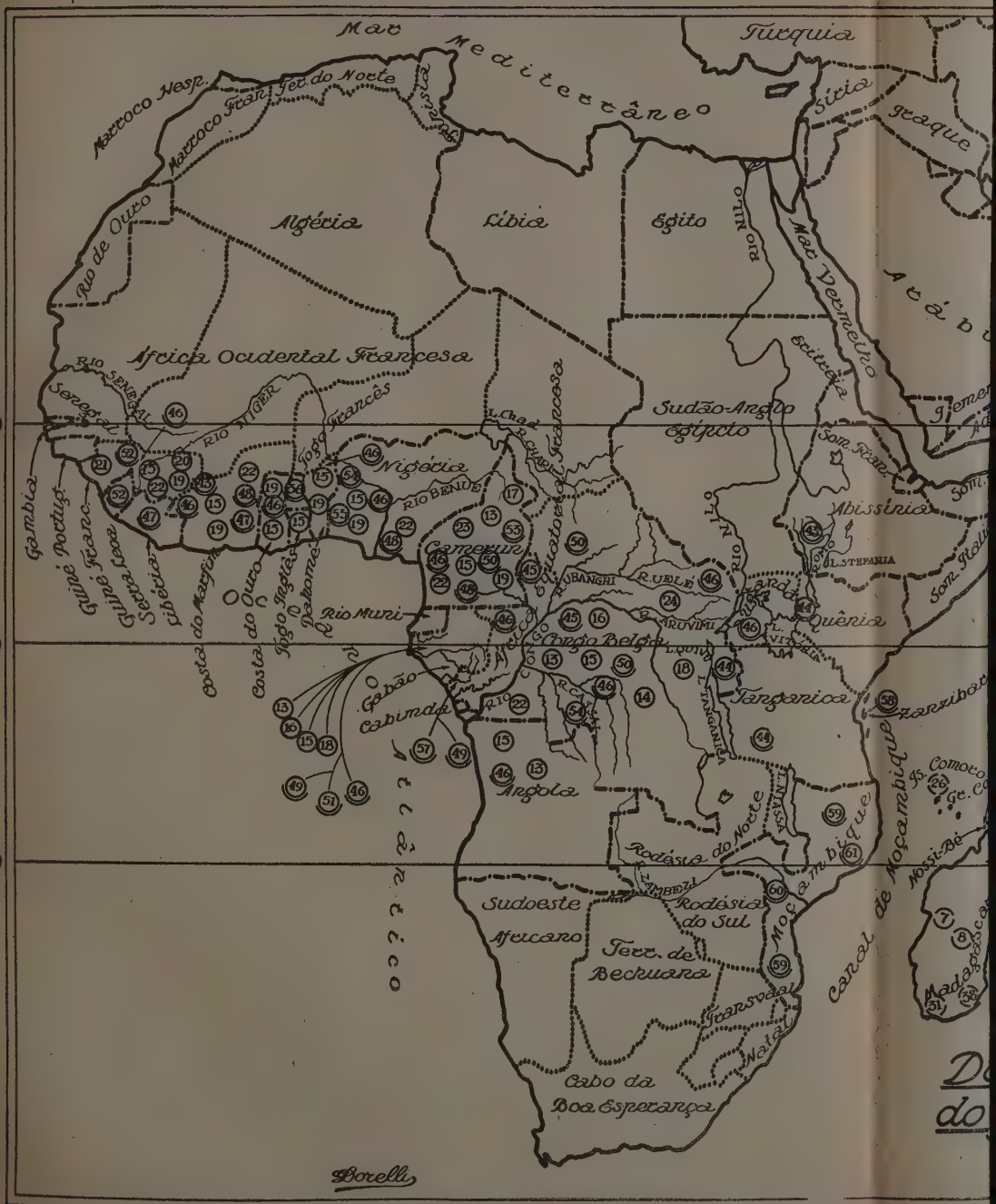
MAPA III

Distribuição das espécies do gênero COFFEA, cuja área se acha determinada

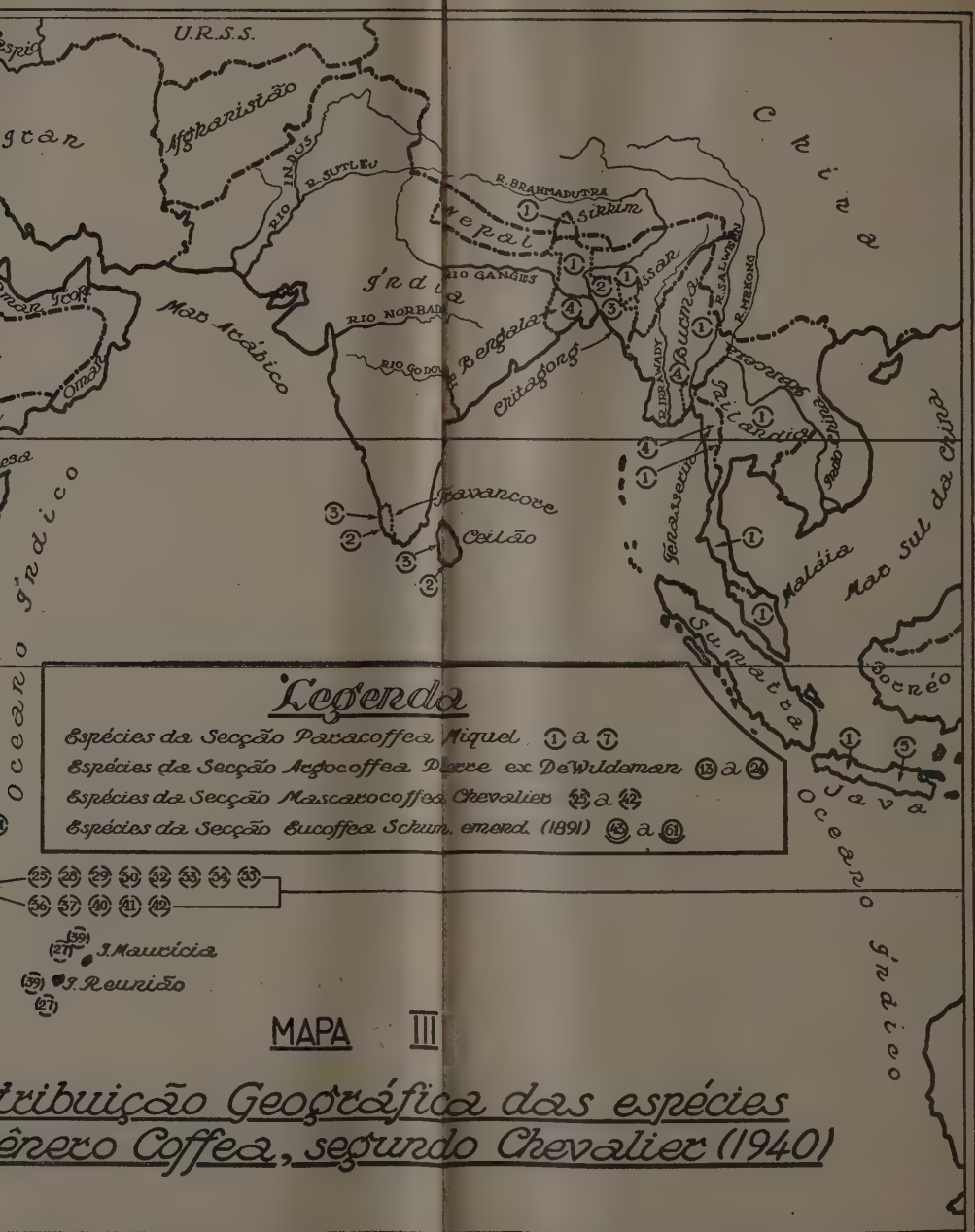
1 **Coffea bengalensis** Roxb	Freqüente nas baixas cadeias do Himalaia : Bengala, Sikkim, Assam, Sylhét, Alta Birmânia, Sião, Java, Samarang (2,5).
2 **Coffea Wightiana** W. et Arn.	Travancore, Ceilão, Sylhet (2)
3 **Coffea travancorensis** W. et Arn.	Idem (2)
4 **Coffea fragrans** Wall.	Sylhet, Tenasserim e Chittagong (2)
5 **Coffea salicifolia** Miq.	Java
6 **Coffea floreifoliosa** Chev.	Madagáscar central (5)
7 **Coffea grevei** Drake*	Costa oeste Madagáscar (5)
13 **Coffea subcordata** Hiern	Camerum, Congo e Gabão (3)
14 **Coffea Claessenii** Lebrun	Congo Belga : ao longo do rio Kasuku (Maniéma) (3)
15 **Coffea jasminoides** Welw ex Hiern	Congo e Gabão ; desde a Guiné Francesa a Angola (7)
16 **Coffea pulchella** K. Schum.	Congo e Gabão
17 **Coffea scandens** K. Schum.	Camerum
18 **Coffea Afzelii** Hiern	Congo e Gabão
19 **Coffea ligustrifolia** Stapf.	África tropical ocidental
20 **Coffea nigerina** Chev.	Alta Guiné Francesa : Kerfamouria, próximo a Kankan (7)
21 **Coffea rupestris** Hiern	Golfo da Guiné (7)
22 **Coffea nudiflora** Stapf.	África Tropical Ocidental
23 **Coffea melanocarpa** Welw. ex Hiern	Camerum, Angola ; (Alto Golungo) (7)

* NOTA — A distribuição geográfica das outras espécies da Secção **Paracoffea**, nos. 8 a 12, não é bem conhecida, razão pela qual estas espécies não constam desta relação e do mapa n.º III.

24 **Coffea Thonneri** Lebrun	Congo Belga : Região Mongala e aos lados do rio Ituri e em Bangala no Likimi (3)
25 **Coffea lancifolia** Chev.	Costa este de Madagáscar ; Massoala a 300 m altitude (5)
26 **Coffea Humblotiana** Baill	Grande Comore (4, 5)
27 **Coffea mauritiana** Lamk	Maurícia, Reunião (5, 6)
28 **Coffea nossikumbaensis** Chev.	Noroeste Madagáscar : Ilha Nossi-Koumba (5)
29 **Coffea Gallienii** Dubard	Norte Madagáscar e Costa oeste : montanha d'Ambre, comum no distrito Suberbieville e nos vales de Ikopa e do Betsiboka, etc. (4, 5)
30 **Coffea resinosa** (Hook. f) Radlk.	Madagáscar : costa éste (5)
31 **Coffea Bertrandi** Chev.	Sul Madagáscar : colinas Androy (4, 5)
32 **Coffea Boiviniana** Drake	Madagáscar : baía de Rigny (5)
33 **Coffea buxifolia** Chev.	Madagáscar, declives ocidentais : perto de Ambatofangana, Cantão do Betafo (5)
34 **Coffea Pervilleana** (Baill) Drake	Madagáscar ; Nossi-Bé, Ste. Marie du Madagáscar (5)
35 **Coffea Augagneuri** Dubard	Madagáscar Norte : Montanhas de Ambre, no Petit Sakaramy, perto de l'Espérance (5)
36 **Coffea Bonnieri** Dubard	Madagáscar Norte : Montanhas de Ambre (4, 5)
37 **Coffea Alleizetti** Dubard	Madagáscar : perto de Anjozorobé (5)
38 **Coffea Commersoniana** Chev.	Madagáscar : perto do Forte-Dauphin (5)
39 **Coffea macrocarpa** A. Rich	Maurícia : Reunião (5)
40 **Coffea Mogeneti** Dubard	Madagáscar Norte : Mont. d'Ambre (4, 5)
41 **Coffea tetragona** Jumelle et Perrier	Madagáscar : ao lado de Andramodavo, prov. Analalava, maciço de Manongarivo (5)
42 **Coffea Dubardi** Jumelle	Madagáscar norte : montanhas d'Ambre, sôbre os bordos do Makys ; Prov. Diego Suarez, no Analabé ao sul Sambirano (4, 5)
43 **Coffea arabica** L.	Abissínia, entre 1500 a 3000 m, 7 a 9.° L norte, nos pequenos vales ao longo dos cursos dágua ; abundante em Guimira, no Djima, bem como em Goré, e em Kaffa, entre o Godjeb e Omo. Há também nos altos afluentes dêste rio, que é tributário do lago Rodolfo e dos afluentes do rio Nilo Azul. Ocorre ainda na região de Galla (Tigre, Chire, Amará, Addi Wussemi) (2, 7)



Mar Mediterrâneo
Turquia
Síria
Iraque
Marroco Hesp.
Marroco Fran.
Ter. do Norte
Tunísia
Rio de Ouro
Algéria
Líbia
Egito
Rio Nilo
Mar Vermelho
Arábi
Africa Ocidental Francesa
Rio Senegal
Senegal
Rio Niger
Togo Francês
Nigéria
Rio Benue
Camerun
Sudão-Anglo Egípcio
Eritreia
Som. Fran.
Abissínia
Rio Nilo
L. Stefania
Quênia
Rio Muni
Congo Belga
Tanganica
Zanzibar
Gambia
Guiné Portug.
Guiné Franc.
Serra Leoa
Libéria
Costa do Marfim
Costa do Ouro
Togo Inglês
Dahomé
Gabão
Cabimda
Angola
Rodésia do Norte
Rodésia do Sul
Sudoeste Africano
Terr. de Bechuana
Transvaal
Natal
Cabo da Boa Esperança
Moçambique
Canal de Moçambique
Nossi-Bé
Atlântico
Borelli


U.R.S.S.
Afghanistão
RIO INDUS
R. SUTLEJ
R. BRAHMADUTRA
Sikkim
Nepal
Assam
China
Índia
RIO GANGES
RIO NORBADA
Mar Arábico
Oman
Bengala
Chitagong
R. IRRAWADY
Burma
R. SALWEEN
R. MEKONG
Tailandia
Indo-China
Tenasserim
Travancore
Ceilão
Maláia
Mar Sul da China
Sumatra
Borneó
Java
Oceano Índico
Legenda
Espécies da Secção Paracoffea Miquel 1 a 7
Espécies da Secção Argocoffea Pierre ex De Wildeman 13 a 24
Espécies da Secção Mascarocoffea Chevalier 25 a 42
Espécies da Secção Eucoffea Schum. emend. (1891) 43 a 61
25 28 29 30 32 33 34 35
36 37 40 41 42
39 27 I. Maurícia
39 27 I. Reunião
MAPA III
tribuição Geográfica das espécies
ênero Coffea, segundo Chevalier (1940)

44 **Coffea intermedia** (Froehner) Chev.	Altas montanhas aresta dorsal africana; desde Quenia, Uganda até Quivu e no Niassa (7, 19)
45 **Coffea congensis** Froehner	Bacia ocidental do Congo, do Rio Sanga e do Ubanghi; da confluência do Kuango com o Ubanghi até Stanley Falls; muito freqüente de Bolobo a Irebu; até a confluência do Uelé e Mbomu (2)
46 **Coffea canephora** Pierre ex Froehner	Norte de Kouilou (forma original). Numerosas vars. na África ocidental e central, desde o nível do mar, no Gabão, até 1500 m. Na Guiné Francêsa, Costa do Marfim, Dahomé, Camerum, Angola, Uganda — norte Lago Vitória Nianza (2, 7)
47 **Coffea liberica** Hiern	Libéria, Costa do Marfim (6, 7)
48 **Coffea abeokutæ** Cramer	Costa do Marfim, Camerum, Lagos (Nigéria) (2)
49 **Coffea Klainii** Pierre	Gabão e Maiombe português
50 **Coffea Dewevrei** De Wild et Th. Dur.	(Muitas espécies que foram reduzidas a variedades como: **C. Dybowski** do Kemo Ubanghi; **C. Arnoldiana** do Aruwimi, Congo Belga; **C. silvatica** do Banghi, Ubanghi; **C. excelsa** dos afluentes do Chari e Ubanghi, **C. aruwimiensis,** Ubanghi (C. Belga), **C. Royauxii,** Ubanghi (C. Belga); **C. Zenkeri,** do Camerum) (2)
51 **Coffea oyemensis** Chev.	Gabão no Pôsto de Oyem, circunscrição de Wolen-Ntam (7)
52 **Coffea stenophylla** G. Don	Guiné Francesa e Serra Leoa e Costa do Marfim (2, 6, 9)
53 **Coffea brevipes** Hiern	Camerum (2)
54 **Coffea humilis** Chev.	Oeste africano e bacia do Congo (9)
55 **Coffea montana** K. Schum.	Oeste africano e bacia do Congo (9)
56 **Coffea togoensis** Chev.	Togo: Lome (7)
57 **Coffea mayombensis** Chev.	Maiombe português: florestas do rio Lufo até Belise perto do pôrto de Hombe (7)
58 **Coffea zanguebariæ** Lour.	Baía de Zanguebar em Zanzibar — até Moçambique; Nossi-Bé (?) (2)
59 **Coffea racemosa** Lour.	Moçambique (2)
60 **Coffea ligustroides** S. Moore	Território de Gaza entre o leste da Rodésia e África Oriental Portuguêsa (2)
61 **Coffea mufindiensis** Hutch	Território de Gaza (9)

(Continua no próximo Boletim)

RELATÓRIO DE UMA VIAGEM DE ESTUDOS SÔBRE A LAVOURA CAFEEIRA NOS ESTADOS DO RIO DE JANEIRO E ESPÍRITO SANTO

J. E. T. Mendes
C. A. Krug.
J. Bergamin

(*Continuação do n. 227*)

V

A combinação do sistema de plantio com o de trato dos cafèzais dá os resultados os mais espetaculares na destruição rápida dos solos. Daí a duração extremamente pequena dos cafèzais espiritossantenses, que, segundo alguns, não vão além de 12 anos de exploração econômica.

Passamos por localidades ainda há pouco intensamente cafeeiras, como São Pedro, e que hoje arrastam uma vida miserável, porque os cafèzais já desertaram de suas terras.

c) **Poda e desbrota** — Nada se faz visando eliminar galhos sêcos, partes improdutivas da árvore, ou apenas os ramos ladrões excessivos que vão aparecendo. Os cafèzais apresentam o mesmo aspecto dos que vimos no Rio de Janeiro (Fig. 32).

d) **Adubações** — Também não tivemos notícia alguma de que haja uma tendência de se adubar os cafèzais. Não se cogita do preparo do estêrco, nem mesmo de se restituir a palha às lavouras. Vimos uma fazenda em que êste precioso material era jogado às águas de um córrego, para que estas se encarregassem de retirá-lo da propriedade.

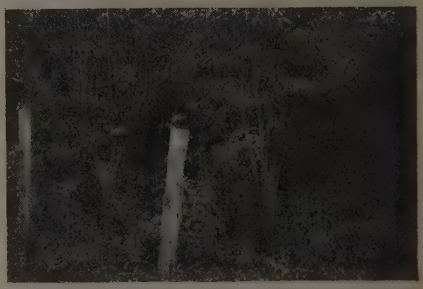


Fig. 32 — Os cafeeiros são constituídos por numerosos ladrões.

10) Braço operário

Também no Espírito Santo tem vigência a **meiação** entre o trabalhador e o proprietário da fazenda, quando esta é grande. Há também a pequena propriedade cafeeira, principalmente na região nova do Estado, isto é, no vale do Rio Doce para onde está se dirigindo uma quantidade apreciável de colonos de origem italiana e alemã, filhos dos imigrantes que há anos se fixaram na zona sul do Espírito Santo. Na região do **Capitania** só existe a pequena propriedade cafeeira, possuída e trabalhada por elementos genuinamente brasileiros.

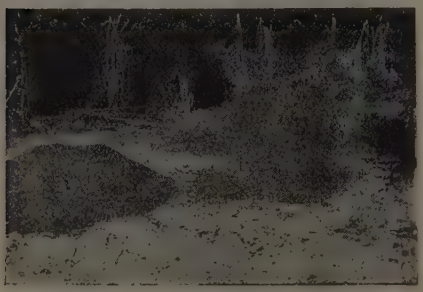


Fig. 33 — O café permanece amontoado no chão durante muitos dias.

11) Colheita

A colheita é também aqui extremamente mal feita. Além de mal feita há ainda o péssimo costume de se deixar o café amontoado no cafèzal por um número variável de dias (Fig. 33).

12) Preparo do produto

O mesmo processo empregado no E. do Rio é o que prevalece no Espírito Santo. O café colhido é trazido para pequenos **terreiros de terra,** onde vai terminar a seca.

A cultura cafeeira não teve tempo, no Espírito Santo, dada a sua notável instabilidade, de deixar, por onde passou, os vestígios de uma grandeza extinta. Não se vêm os palácios nem os casarões senhoriais. Não se vêm, tampouco, os terreiros de grandes extensões, sinal de que em tempos idos se cuidava com esmêro do preparo do café.

Tem-se aqui a impressão de que a improvisação é a regra. No Estado do Rio sente-se que houve uma retrogradação no processo de preparo de café. No Espírito Santo, parece-nos que nunca houve a menor parcela de cuidado, de esmêro, de veleidade de se produzir um café de melhor qualidade.

13) Usinas do D.N.C.

Sendo assim, era de se esperar que as Usinas do D.N.C. viessem preencher uma grande lacuna e tivessem um grande papel a desempenhar.

Possui o Espírito Santo onze usinas montadas pelo D.N.C., geralmente bem localizadas, estando situadas em centros de grande produção de café.

Se a ação dessas usinas tivesse sido eficiente é de se imaginar que o cenário cafeeiro espiritossantense tivesse se modificado completamente. Estando a cultura cafeeira em mãos do pequeno proprietário ou do **meieiro,** se êstes tivessem usufruido **vantagem** em preparar seus cafés em tais usinas, é claro que teriam tido o máximo interêsse em entregar cada vez mais maior quantidade de café, desobrigando-se das dificuldades do preparo do produto e obtendo, além disso, lucros.

As usinas poderiam ter sido ótimas **escolas** para o ensino de como se proceder à colheita. Uma colheita bem feita implicaria no emprêgo de métodos cada vez mais racionais de cultivo e, assim, resolvendo elas inicialmente o problema financeiro do produtor, teriam, no final. conseguido a modificação dos processos culturais, estabilizando a cultura, enfim, enriquecendo o Estado.

Estão as usinas, pelo menos as que visitamos, regularmente instaladas. E, com alguns detalhes a serem corrigidos (o que a própria prática teria indicado se na chefia das mesmas tivesse sido colocado um corpo técnico capaz), teriam elementos para bem funcionar. Em geral, ressentem-se, porém, da falta de terreiros, pois os existentes são exíguos.

No entanto, essas usinas de nada estão adiantando para a melhoria do produto espiritossantense; e, em alguns casos, estão mesmo concorrendo para piorá-lo.

Inicialmente, partiram do êrro fundamental de preparar lotes separados, um de cada fazendeiro ou proprietário que envia o seu café. Assim, não é possível fazer lotes uniformes, homogêneos, empregando sempre idêntico modo de proceder. Além disso, trabalhando assim, não há terreiro que chegue, e a tarefa da direção da usina é insano. Também não se melhora nunca, em nada, o processo de colheita, porque, ano após ano, cada produtor entregará o seu café, colhido do mesmo modo que no ano anterior.

As usinas deveriam ter sido criadas para comprar o café a ser preparado. Dois preços deveriam vigorar a princípio: a) um preço bem mais elevado para o café cereja; b) o preço corrente para o café a ser preparado por via sêca (café em côco). Ao passo que os produtores se fôssem interessando pelo primeiro sistema de venda, isto é, pela entrega de café cereja, mais e mais iriam sendo restringidas as compras do café de tipo comum de colheita.

Os lucros advindos do melhor preparo do café, depois de deduzidas as despesas das usinas, deveriam ser distribuídos entre os produtores, de acôrdo com o que cada um tivesse entregue de café. Êste pagamento só seria efetuado após a venda do produto e da liquidação final de tôdas as contas. Poder-se-ia seguir o esquema adotado na Costa Rica (6), onde, em linhas gerais, adotam o critério acima exposto.

As usinas deveriam ser superintendidas por quem conhecesse tôda a técnica de preparo do café. Um pequeno corpo de agrônomos especializados nesse assunto deveria, de início, dirigir as usinas e mais tarde, quando se fôsse formando pessoal leigo habilitado, seria aproveitado na fiscalização do funcionamento das mesmas, no melhoramento e aperfeiçoamento dos métodos de trabalho, na organização de novas unidades e no ensino, ao pequeno proprietário, do sistema do despolpamento, que pode também ser praticado individualmente, desde que haja dificuldade de transporte do café até a usina.

O que fazem atualmente as Usinas do D.N.C. — Tivemos ocasião de visitar três das usinas instaladas pelo D.N.C. e passar por uma quarta.

A primeira que examinamos está situada em Apiacá (Boa Vista), recebendo apenas café para ser trabalhado por via sêca (café em côco).

Os terreiros são insuficientes para o café que estava sendo recebido. Além de exíguos, os terreiros são mal aproveitados porque o lote de café de cada proprietário tem de ser manipulado separadamente, o que ocupa uma área muito maior (Fig. 34).

Por qualquer motivo, os secadores não estavam em funcionamento.

Fig. 34 — Os terreiros das usinas do D.N.C. são exíguos. Usina de Apiacá (Boa Vista).

Diante dessas dificuldades, foi feito, ao lado do terreiro de tijolos, um outro de **terra**. Êste, além de ser de terra e, portanto, absolutamente inadequado para a finalidade de produzir um bom café, principalmente em se tratando de uma usina oficial, que deve ser modêlo, é muito mal feito. Não é bem aparelhado, com apenas uma pequena queda para o escoamento das águas pluviais; não é bem socado.

Aí é amontoado o café que vai sendo recebido, formando-se um lote para cada proprietário (Fig. 35), o que é bem visível na fotografia, onde se vê uma pequena etiquêta de papel para cada monte.

Inicia-se, então, um serviço de revolvimento do café, no próprio monte, pois que não há espaço para esparramá-lo. (Fig. 36). Como o terreiro não e bem batido,

o café vai sendo envolvido por uma camada de terra. Quando há lugar no terreiro de alvenaria, então o café é lavado e posto neste, para terminar a seca.

Não podemos chamar a isto de um sistema de preparo de café. É tudo o que há de mais absurdo em matéria de modo de se trabalhar.

Fig. 35 — O café é amontoado em terreiro de terra, permanecendo cada lote separado, de acôrdo com a sua procedência. Usina do D.N.C. Apiacá (Boa Vista).

Não podemos, no entanto, culpar a quem dirige os trabalhos localmente na usina. O homem que aí está faz tudo o que pode para atender aos proprietários que entregam o seu café para ser preparado. Os responsáveis por êsse estado de coisas são os dirigentes da série de usinas, que deveriam conhecer a necessidade do aumento dos terreiros, as falhas dos secadores, quaisquer outras deficiências, para poder saná-las em tempo, de modo a estar a usina em plena condição de trabalho durante a safra. Deviam, enfim, conhecer profundamente a técnica do preparo do café, para ensinar e exigir de seus funcionários locais, a execução esmerada de tôdas as operações, dentro de normas fixadas pelo que há de mais moderno.

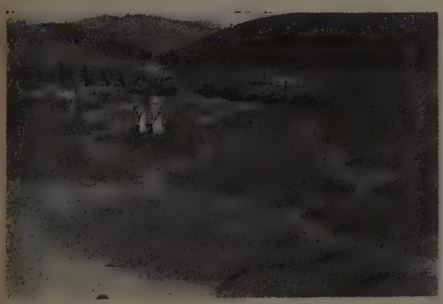


Fig. 36 — Revolvimento do café nos montes. Terreiro de terra. Usina do D.N.C. Apiacá — Boa Vista.

Estivemos também na usina situada em Guaçuí (Siqueira Campos). O modo de trabalhar é ali muito melhor do que na anterior. Os secadores "São Paulo" estavam funcionando normalmente, o que não permitia acúmulo de café no terreiro.

O sistema de recebimento do café é idêntico ao já descrito. Cada cliente tem o seu café preparado separadamente (Fig. 37) e parte é despolpada (Fig. 38). Esta usina está prestando, sem dúvida alguma, um serviço para o melhoramento da qualidade do café na zona em que se acha situada. Se outros, porém, fôssem os meios de que dispusesse para trabalhar o café, se pudesse manejá-los livremente, sem estar se preocupando se êste lote pertence a A ou a B, os resultados seriam surpreendentemente melhores.

Visitamos também a usina que foi instalada em Colatina. Estava parada, porque havia uma falta qualquer no locomóvel e, porisso não puderam ser acionadas as máquinas.

Passamos ainda pela usina existente em Santa Tereza. Também não estava em funcionamento, não sabemos porque.

Pudemos, portanto, verificar que as usinas do D.N.C. não preenchem os fins

para os quais foram criadas e pela maneira do seu funcionamento não têm influência alguma na melhoria do café espiritossantense.

14) Preparo do café Capitania

É um fato bem conhecido dos compradores de café do Espírito Santo, que o café Capitania apresenta, em geral, bebida melhor que o café das demais regiões do Estado.

Como já vimos, o café Capitania nada mais é do que a variedade **typica** do C. arabica cultivado debaixo de sombra em Vitória e municípios visinhos.

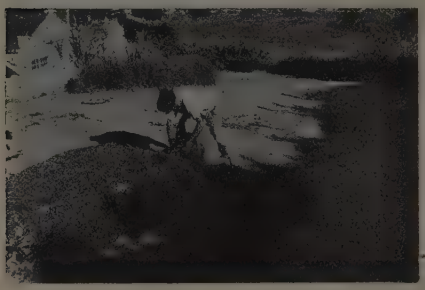


Fig. 37 — Recebimento do café. Usina do D. N. C. — Guaçuí.

O caraterístico mais notável da zona produtora do Capitania é o de ser constituida exclusivamente por pequenos proprietários que tratam e preparam o seu café.

A colheita também é feita nesta região, sem cuidado especial algum. Colhido o café, se não há água próxima, não é lavado. Se há, processa-se a operação da lavagem. Tivemos oportunidade de vê-la em um pequeno sítio, cortado por um ribeirãozinho. Um menino, munido de uma peneira, ia mergulhando-a na água, tendo prèviamente tomado uma pequena quantidade de café da roça. Com um movimento rápido conseguia separar o café das pedras e outros detritos (Fig. 39). Depois de lavado, o café é conduzido para pequenos terreiros de terra, onde vai secar (Fig. 40).

O armazenamento do café é feito, no geral, dentro da própria casa de moradia em um de seus compartimentos. O descascamento é praticado em **pilões,** também na própria residência do sitiante.

Como se vê, é o processo mais primitivo de preparar o café. Cabia, junto a essa gente, quase tôda brasileira, um largo trabalho de fomento de sistemas racionais de tratamento do café. Como êles, são, por princípio, extremamente individualistas, o modo mais prático de fazê-los produzir um café de alta qualidade, seria o de ensiná-los a despolpar.

Êles tudo possuem para se sairem bem de uma tal emprêza. São os proprietários de seus sítios, não dependendo quase nunca do braço extranho para as fainas agrícolas; podem, porisso, colhêr muito bem o seu café. São êles mesmos que o preparam. Porisso, se souberem prepará-lo bem e se virem nisso resultados pecuniários, nunca mais deixarão de usar os processos que lhes forem ensinados. A única mola que os fará mudar de modo de trabalhar, será, indubitàvelmente, uma melhor remuneração pelo seu produto. Competiria, portanto, a par do ensino do processo de despolpamento, do fornecimento de pequenos despolpadores manuais, a princípio gratuitamente a título de empréstimo, da construção de pequenos tanques de fermentação e de dispositivos para a seca do café, a compra do café despolpado, para que se fizessem lotes maiores, suscetíveis de interessarem o comércio em sua aquisição e aproveitamento.

Com a situação financeira melhorada, não seria difícil de se imaginar um incremento na produção do café Capitania, não só pelo melhor trato dos cafèzais, como mesmo pelo alargamento da atual zona produtora.

15) A Broca do Café

Considerando as condições que cercam a lavoura cafeeira espiritossantense - topografia, clima, métodos de cultura e de trabalho - pode-se inferir que a broca do café, há pouco mais de dois anos presente no Estado, conta com excepcionais possibilidades de estabelecimento e disseminação.

A topografia é grandemente semelhante à do Estado do Rio. Os cafèzais se alinham no sentido da maior declividade (Figs. 23, 24 e 25), ocupando também, e de preferência, as encosta com exposição nascente. Êsse método de cultura talvez tenha pronunciada influência na vida da broca, pois permite a constituição de focos e de meios de proliferação, nos lugares onde os frutos, após rolarem como se estivessem em canaletas, encontram obstáculos que os detenham. Torna-se claro que êsses obstáculos estão quase sempre situados na parte mais baixa do cafèzal, para onde converge todo, ou quase todo o café responsável pela manutenção da broca no intervalo das safras.

O clima deve favorecer, ainda mais do que no Estado do Rio, o desenvolvimento do inseto, por ser mais quente. Durante os meses de desenvolvimento dos frutos, a temperatura mais ou menos elevada (Quadros nºs. VII a IX) permite que as gerações se completem em menor número de dias do que em São Paulo. Depois da colheita, que é pouco esmerada, a broca encontra meios de abrigo e, com as primeiras chuvas de setembro ou outubro, inicia a reprodução nos próprios frutos que lhe serviram de abrigo.

Fig. 38 — Café despolpado. Usina do D. N. C. — Guaçuí.

Os métodos de trabalho, decorrentes da topografia, do processo de cultura, da falta de braços e de dificuldades outras de ponderável valor, serão uma grande parte dos fatôres que irão influir para que a broca se espalhe e se torne uma séria ameaça à produção cafeeira.

a) Distribuição da broca

Tudo leva a crer que a praga é de introdução ainda recente. Apesar das ótimas condições para o seu estabelecimento e para uma rápida evolução, os municípios contaminados são ainda em pequeno número. São êles: São José do Calçado, João Pessoa e Itapemirim, no extremo sul; Colatina e Baixo Guandú, no Rio Doce. A distribuição, dentro do Estado, está, pois, dividida, dando a impressão de que a broca foi introduzida por duas regiões bem distantes: por Baixo Guandú, vinda provàvelmente de Aimorés (Minas), no Rio Doce e por Bom Jesus do Norte e Apiacá no sul. De Baixo Guandú a Colatina (cêrca de 50 km) tanto pôde ter

Fig. 39 — Café Capitania. Lavagem do café no ribeirão. Plantação na estrada Vitória — Cachoeiro de Santa Leopoldina.

sido levada pela estrada de ferro (Vitória - Minas) como pelo Rio Doce. No sul, ter-se-ia distribuído por várias maneiras, sendo a mais provável, o transporte para a usina do D. N. C. em Apiacá, que recebe café de Bom Jesus do Itabapoana e de muitas outras localidades fluminenses, cujos cafèzais estão infestados.

b) A intensidade do ataque

Por ter sido introduzida recentemente, o ataque não apresenta ainda aspecto de aterrar. Ainda que não tivesse sido possível determinar com exatidão a percentagem de infestação dos diferentes lugares, pôde-se verificar, principalmente em café no terreiro, que essa infestação é ainda incipiente. Landeiro e Sauer (ficha 706 do Pôsto de Defesa Agrícola) encontraram 3% de infestação em Bom Jesus do Norte, em abril de 1945. Bom Jesus é, ao que parece, a zona mais infestada.

Apesar de tão baixa infestação, cujos caraterísticas asseguram que a praga está ainda em início de estabelecimento, não deve ser descurado o problema, pois as condições, extremamente favoráveis, permitem que a broca possa aparecer, de um momento para outro, em caráter aterrador.

c) Fatôres e causas que poderão concorrer para intenso desenvolvimento

Tudo quando foi dito com relação ao Estado do Rio, aplica-se perfeitamente ao Espírito Santo. As colheitas não são realizadas com perfeição, de modo a impossibilitar ou a dificultar a vida da broca nas intersafras. Os cafeeiros produzem extemporâneamente, permitindo à broca não só abrigar-se, como também reproduzir durante os meses mais sêcos.

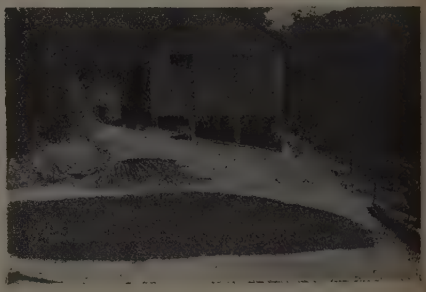


Fig. 40 — Café Capitania. Secagem do café em pequenos terreiros de terra.

d) Disseminação

aa) Natural

Os cafèzais do sul do Estado, justamente a região já atingida pela broca, são mais ou menos continuados. Não há grandes áreas sem cafèzais. Nessas condições pode a broca espalhar-se naturalmente, avançando de um talhão para outro e de uma para outra fazenda. A disseminação natural é mais ou menos lenta, pois só depois de densa a população em alguns cafeeiros, em alguns talhões, procura a broca alastrar-se. É compreensível que assim seja: só depois de densa a população

haverá indivíduos em grande número para disseminação mais intensiva. A princípio, no começo de qualquer infestação, a broca existe irregularmente distribuída num cafèzal : alguns frutos furados aqui, outros poucos acolá, sem que a distribuição apresente, nos vários talhões, homogeneidade natural verificada em ataques maciços.

bb) **"Amontoa" do café**

O hábito infelizmente muito generalizado de amontoar o café na lavoura (Fig. 33) concorre para forçar a broca a espalhar-se. A fermentação conseqüente da "amontoa" provoca aumento de temperatura que obriga as fêmeas ao abandono dos frutos e à procura de outros frutos no cafèzal.

cc) **O transporte**

Mais do que no Estado do Rio, o transporte em cargueiros, pela generalização com que é usado, concorre para a disseminação, o mesmo acontecendo com o transporte em carros de bois. Uma vez que é impossível substituir tais meios de transporte, seria conveniente aconselhar o uso de sacos tipo lona para essa operação, pois os sacos comuns de aniagem permitem a saída de fêmeas ao longo de tôda a estrada. Os cafèzais marginais podem ser contaminados se o café que está sendo transportado provém de lavoura com infestação apreciável.

dd) **Retôrno dos sacos**

Em qualquer usina, depois de entornado o café, pode haver mistura de sacos e ser devolvida a lavouras não infestadas, sacaria com broca. O remédio para evitar o retôrno de sacos nos quais pudesse estar abrigada a broca, seria o expurgo.

ee) **Usinas**

Quando a broca do café começou a dominar as regiões cafeeiras de Java, verificou-se que as plantações próximas das usinas de preparo e benefício eram as primeiras atingidas pela praga. Dessas plantações avançava a broca para os cafèzais vizinhos. Também em Sumatra tal fato ocorreu : as culturas próximas das usinas ou das emprêzas que primeiro importaram sementes de Java, foram os focos iniciais de disseminação.

A usina do D.N.C., em Apiacá, a única visitada em zona já infestada, deve ter contribuido grandemente para a penetração da broca no Estado. Recebendo, como recebe, café de região infestada (Bom Jesus, Estado do Rio) e procedente de várias lavouras, não só para benefício como, principalmente, para seca, deve ter concorrido essa usina para introduzir a broca nos cafèzais mais próximos.

Como o terreiro é insuficiente para atender a todos os que enviam café para secar, a usina faz grandes leiras em terreiro improvisado, de chão (Fig. 36). Nessas leiras que são revolvidas algumas vêzes, o café permanece durante muitos dias, mofando e criando broca, pois a umidade, nessas condições, mantem-se até que no terreiro haja lugar para a seca.

Estando a usina numa das poucas regiões já infestadas, não há dúvida de que o transporte de café atacado, de Bom Jesus ou de outros locais infestados, contribuiu para a disseminação da praga.

Outras usinas do D.N.C. existem no Estado com idêntica finalidade. O café por elas recebido, porém, não procede de zonas infestadas. Por êsse motivo os cafèzais próximos a elas estão ainda isentos da praga. No momento em que a praga atinja algumas lavouras que enviam café para ser trabalhado nas usinas, ainda que essas lavouras estejam situadas a grandes distâncias, os cafèzais delas mais próximos denunciarão a presença da praga e esta se desenvolverá mais intensamente nesses cafèzais do que ocorreria numa disseminação natural ou simplesmente acidental. A concentração de lotes de café, provenientes de diversas zonas, acumula as infestações que normalmente deveriam estar distribuídas, em uma área relativamente pequena, qual seja a coberta por um terreiro de usina. Nos primeiros dias de sol, principalmente quando há predominância de "cereja", a broca não sofre os efeitos do grande calor e consegue escapar com vida e atingir os cafèzais dos arredores. Quando o café já está mais ou menos sêco, grande parte da população é morta, pois os frutos se aquecem rápidamente em virtude da menor evaporação. Daí deduzir-se que, para zonas que tenham de servir-se de usina comum e que estejam ameaçadas pela broca, é de suma importancia o uso de secadores mecânicos. Elevando-se a temperatura, em curto tempo, a 45 e mais graus centí grados, não terá a broca muita possibilidade de fuga.

Apesar de poder o problema ser apresentado com tanta simplicidade, não tem valor prático a existência de uns poucos secadores em todo o Estado, pois a heterogeneidade das culturas, bem como a generalidade das práticas pouco aconselháveis, e de difícil modificação, hão de concorrer para agasalhar a praga, dando-lhe amplas vias de acesso a todos os rincões cafeeiros do Estado e amplas possibilidades para estabelecer-se. Só quem sabe o que foi a broca em Java e Sumatra ; só quem conhece e não olvida o tão frisante exemplo de São Paulo a partir de 1924, será capaz de avaliar o futuro desenvolvimento e a futura marcha da broca pelos cafèzais do Espírito Santo e de antever os escombros de uma cultura que tem sido providencial para sua economia agrícola. Procurar impedir a marcha da broca, do sul e do norte para o centro, deveria constituir um programa inteiro de trabalho, quer da Secretaria de Agricultura, quer da Defesa Sanitária do Ministério da Agricultura. Quando a broca penetrou em São Paulo, ela era pràticamente desconhecida e sua penetração se verificou numa época em que as organizações de defesa não existiam. Atualmente, porém, com o conhecimento já conseguido com relação á praga, e com a págima fúnebre que existe na história do café no Brasil, por ela escrita, alguma coisa deveria ser feita para salvar da hecatombe os 170 milhões de cafeeiros que constituem a única fonte de renda para cêrca de 105 mil trabalhadores. Quando a broca estender seus malefícios a todos os cafèzais, como aconteceu em São Paulo, êsses trabalhadores serão tomados pelo desânimo que os levará à ruina, pois não encontrarão, como os de São Paulo encontraram, condições para improvisamentos de outras culturas e nem possibilidades para organizarem outras fontes de renda e de subsistência. Quando o rendimento, por unidade, descrescer e atingir a níveis só concebidos por aquêles que já experimentaram o amargo sabor de tão desoladora desgraça, como já o experimentaram muitos cafeicultores de Macaé e de Campos, começará a ruir um dos pedestais que sustêm as já pequenas fontes de rendas do Espírito Santo.

e) Importância econômica

aa) Atual

A importância econômica atual da broca do café no Espírito Santo, pode ser desprezível, pois ainda não ocorreu nenhum prejuizo de monta. É que a broca,

ainda em sua incipiência, atingiu apenas 5 dos 32 municípios cafeeiros. O total de cafeeiros dos municípios atingidos é de cêrca de 40 milhões (em franca produção).

A broca não apresenta, atualmente, nenhuma importância econômica direta, porque os prejuizos ainda não se fizeram sentir e porque ela existe, mas em escala reduzida, apenas nos cafèzais de Apiacá e de outros distritos próximos à divisa Rio — Espírito Santo. Também em Baixo Guandú e Colatina não se verificaram, até a presente safra, danos apreciáveis.

Assim tem sido no Brasil : só depois de ser impossível refrear a expansão e os danos de qualquer praga, passa a ser considerada de importância econômica, ainda mesmo que ela o seja econômicamente importante em outros países.

bb) Futura

Quando municípios como Afonso Cláudio, Alegre, João Pessoa, Cachoeiro, Siqueira Campos, Santa Teresa, Colatina, etc., forem totalmente tomados pela broca, sua importância econônica refletirá na vida normal de cada fazenda, de cada município e na vida normal do próprio Estado. Porque a broca, que tem atividade destrutiva ao abrigo da vista pouco perspicaz da maioria dos cafeicultores, só é realmente percebida quando os estragos que ocasiona não mais podem ser ignorados, tão grandes êles se tornaram.

Os prejuizos que a broca ocasiona, são de diferentes naturezas : 1) a perda em pêso ; 2) o aumento do café escolha ; 3) a baixa do tipo.

A perda em pêso ou quebra, provém da transformação da semente em pó que é atirado fora pelos ventiladores, juntamente com a palha. Contribuem ainda para a redução do pêso, as galerias abertas nas sementes inteiras e nas quebradas que vão para a escolha.

O escolha, que normalmente varia de 4 a 6%, pode subir a 14%, às vêzes a mais. É sabido que o escolha não alcança preço no mercado. O escolha ocasionado pela broca é ainda pior do que o normal.

Cada grupo de 5 sementes broqueadas constitui um defeito na classificação em tipo. Isso quer dizer que, quanto maior a infestação pela broca, mais baixo é o tipo, menor, portanto, o preço.

A importância econômica futura, da broca do café, dependerá do seu grau de desenvolvimento e distribuição. O café do Espírito Santo é de bebida Rio. Quando estiver broqueado será de bebida Rio e de tipo mais baixo do que atualmente, sofrendo, pois, comparado com o Santos "mole", enorme depreciação.

Essa é a perspectiva quanto à importância econômica da broca do café para o Espírito Santo.

f) Sugestões para o contrôle

As sugestões apresentadas para o Estado do Rio de Janeiro, aplicam-se bem ao Espírito Santo, que, mais do que aquêle Estado, deve lutar contra a broca para impedir que ela possa ter rápida disseminação.

Nas zonas já atingidas seria aconselhável a instrução sôbre a boa maneira de colhêr e de limpar o solo, para que não fique na lavoura quantidade grande de frutos para abrigo e reprodução da broca após a colheita.

Seria aconselhável ainda : combater o amontoamento do café na lavoura, não permitir que café de zona infestada seja transportado para zona indene ; expurgo

do café de zona infestada, ao entrar nas usinas, bem como expurgo da sacaria de retôrno; difundir ensinamentos sôbre a vida e os hábitos da praga, fazendo salientar sempre a importância da boa colheita e do repasse, como processos para sustar ou dificultar a reprodução nas intersafras; logo que apareçam alguns focos mais atacados, providenciar a introdução da vespa de Uganda nesses pontos, para que ela se reproduza e possa ser distribuída pela zona já infestada.

g) O café Capitania

Todos os cafèzais situados no litoral, são sombreados e o café por êles produzidos denomina-se Capitania.

Não obstante o sombreamento, a broca não existe ainda nesses cafèzais. As condições de cultura, de colheita e de preparo do produto, são favoráveis à broca e esta assumirá grandes proporções quando atingir as lavouras sombreadas. As colheitas não são esmeradas e pôde-se notar grande quantidade de frutos caídos e ocultos pelas fôlhas.

A impressão que se tem, é que quando a broca se distribuir pela zona do capitania, êsse café deixará de existir, tão grandes serão os estragos ocasionados pela broca.

RESUMINDO

As condições do Estado do Espírito Santo são favoráveis a grandes surtos da broca do café.

A broca, de introdução ainda recente, tem uma distribuição relativamente pequena.

Os meios para uma rápida disseminação são evidentes, possibilitando à praga uma rápida contaminação de tôdas as zonas cafeeiras.

As usinas centrais podem ter grande influência na disseminação.

A importância econômica atual da broca é neglegível; sua importância futura, porém, elevar-se-á consideràvelmente, quando os prejuizos começarem a ser notados.

Ensinamentos sôbre todos os meios de contrôle devem ser ministrados imediatamente, devendo ser escolhidas em primeiro lugar as zonas já atingidas pela broca para a propaganda dêsses meios.

Os cafèzais sombreados não foram ainda atingidos pela broca. As condições nêles observadas são ótimas para um desenvolvimento da praga.

16) Necessidade da experimentação cafeeira

Há absoluta necessidade de se iniciar o mais cedo que fôr possível a experimentação cafeeira no Espírito Santo.

Há problemas típicos da zona das Serras, há outros que são peculiares à zona do litoral sul, outros ainda que devem ser estudados levando-se em conta as peculiaridades da zona do litoral norte.

a) Zona das Serras

Assim, na zona das Serras a questão de se minorar os efeitos da erosão é das mais prementes. Dificilmente se pode imaginar um método que dê resultados

bastante rápidos e que seja fácil de ser executado, dadas as caraterísticas econômicas do momento. Parece-nos que um dos remédios mais eficazes, se fôr possível aplicá-lo, será o **sombreamento**

Deveriam ser instalados numerosos pequenos **campos de demonstração,** como o que está sendo organizado pelo Serviço de Fomento Federal, em Mimoso do Sul. Aí seria instalada, em cada um dêles, em um talhão, a defesa contra a erosão por qualquer dos bons meios preconizados, sendo preferível o de **cordões em contôrno,** providenciado que seja um **escoadouro** (canal escoadouro) devidamente vegetado. Nesse mesmo talhão seria feita a adubação orgânica do cafèzal, o replantio das fôlhas, a limpeza das árvores. Em outro talhão seria feito o sombreamento com uma das essências mais recomendáveis : **pisquin, Ingá edulis** ou **Tipuana tipu,** ou qualquer outra que apresente vantagens locais para a finalidade visada. Os mesmos tratos já especificados seriam dados ao talhão sombreado.

Êsse é, mais ou menos, o programa em execução em Mimoso do Sul. Se forem instalados vários dêstes;campos, em diversos municípios cafeeiros, dentro de alguns anos, o agricultor espiritossantense terá à sua disposição uma boa série de informações.

Se o sombreamento fôr viável na região das Serras, ter-se-á fixado o cafeeiro naquelas paragens de topografia tão abrupta. Não conseguimos obter dados meteorológicos dos principais municípios cafeeiros da região. Da zona montanhosa apenas obtivemos os números relativos a Guiomar, localidade situada a 700 m de altitude. Pelas observações realizadas durante 7 anos verifica-se uma precipitação média de 2.183,5 mm. É, como se vê, uma pluviosidade bastante elevada, o que, certamente, garantirá a existência do cafeeiro e da árvore de sombra, sem que haja concorrência excessiva desta em água, no período da sêca. Além disso, êsse período, que abrange quatro meses, não pode ser considerado como extremamente sêco, pois que, nêsses meses (maio, junho, julho e agôsto), há uma precipitação média anual de 275,5 mm.

Citamos o pisquin (**Albizzia malacocarpa** Standley) como uma das possíveis árvores de sombra para o Espírito Santo. Apesar dessa essência não ter provado satisfatòriamente em São Paulo, poderá dar resultados apreciáveis no Espírito Santo. O motivo pelo qual essa essência deve ser aqui abandonada de cogitação é porque derruba as fôlhas durante o inverno. Em primeiro lugar isso pode não acontecer no Espírito Santo, dado o clima mais torpical ali reinante; em segundo lugar, mesmo que houvesse a queda das fôlhas, tal fato não traria mal algum, porque não há perigo de geada. Em São Paulo, qualquer árvore de sombra deve preencher o requisito essencial de proteger o cafèzal dêsse flagelo.

O pisquin é árvore de crescimento rapidíssimo e de forma muito adequada. Poderá, porisso, dar resultados bastante rápidos, demonstrando a exequibilidade ou impossibilidade do sombreamento em um espaço de tempo relativamente curto.

No Campo de Demonstração de Mimoso do Sul, é esta a árvore que está sendo ensaiada. As sementes foram por nós enviadas de Campinas ao Dr. Bemvindo Novais. As plantas são ainda muito novas.

Êste ensaio não exclui a montagem de outros em que outras essências sejam tentadas. A Tipuana tipu tem também crescimento muito rápido e poderá também servir para a finalidade descrita.

O Inga edulis, existente no Espírito Santo, precisa também ser ensaiado. Como o seu desenvolvimento é muito mais lento, levando de 5 a 6 anos para começar a dar alguma sombra apreciável, seria conveniente fazer-se o sombreamento misto,

usando esta essência para ser a de emprêgo definitivo e uma outra de crescimento bem mais rápido (pisquin ou Tipuana) para ser usada temporàriamente.

b) Zona do Capitania

A região do Capitania está quase que tôda dentro da zona do litoral Sul. Aqui há problemas de ordem diferente. Em primeiro lugar, os seus cafèzais são quase todos sombreados. A sombra usada é heterogênea, constituída por árvores do mato, que aí foram deixadas, quando se fêz a plantação do café. Sob o ponto de vista de sombreamento, o mais que se tem a fazer é tentar uniformizar, tanto quanto possível, o sombreamento empregado. Existem aí algumas espécies de ingazeiros, entre êles o Inga edulis (Fig. 41). Seria de todo interessante que se fizesse o levantamento botânico das espécies de ingazeiros encontrados nesses cafèzais. O Inga edulis, comprovadamente o melhor ingazeiro para o sombreamento do cafeeiro na Colômbia, e na Venezuela, uma vez identificado, deveria ser multiplicado e distribuído aos lavradores para que êstes fôssem preenchendo as clareiras e falhas existentes em suas plantações.

As outras espécies de ingazeiros deveriam ser estudadas para se verificar como se comportam como árvores de sombra. As que se recomendassem, também deveriam ser multiplicadas e distribuídas.

O **jecatupé** (Platycyamus regnelli Benth), encontrado com freqüência nos cafèzais Capitania também deveria ser examinado. Em nossa coleção essa leguminosa cresce lentamente. É possível que, nas condições do Espírito Santo, o seu desenvolvimento seja mais rápido.

Outra planta usada nos cafèzais Capitania é o **molulo.** Não é uma leguminosa e o seu emprêgo encontra fundamento, provàvelmente, em sua freqüência naquelas matas e por apresentar um crescimento muito rápido. Deveriam ser examinadas as suas qualidades e confrontadas com as de uma leguminosa de desenvolvimento também rápido, para se verificar se não será preferível o emprêgo desta última.

Fig. 41 — Ingazeiro, provàvelmente I. edulis. Cafèzal Capitania na estrada Vitória — Cachoeiro de Santa Leopoldina.

c) Zona do Litoral Norte

Queremos nos referir, sob esta designação, à região nova, que se vai abrindo atualmente nas matas do vale do rio Doce. É esta, sem dúvida alguma, a parte promissora do Estado, para um atual e futuro incremento da cafeicultura.

Surgem aqui os problemas da formação de novas lavouras, dentro de moldes mais consentâneos com a técnica agrícola. A topografia, apesar de acidentada, é mais suave do que a da região das Serras.

Deveriam ser instalados pequenos **campos-modelos,** onde a plantação obedecesse, desde o início, a um critério de proteção ao solo, visando conservá-lo. Se não fôr possível fazer a plantação em **curvas de nível,** os **cordões em contôrno** deverão ser feitos tão cedo o permita o desbravamento do terreno. Ficaria abolido o atual processo de plantar **morro abaixo.**

O sombreamento também deveria ser tentado e, caso os seus resultados fôssem promissores, incrementado. Não possuímos dados meteorológicos da região, o que dificulta se possa ter a mais ligeira idéia de como possa comportar-se o conjunto **árvore de sombra — cafeeiro.** No entanto, se fôr viável esta forma de cultivo, ter-se-á dado aqui também um grande passo para a estabilização da lavoura cafeeira.

d) Preparo do produto

Como já frizámos, quando tratamos dêste assunto, em qualquer destas zonas deve ser feito um preparo do café, tanto quanto possível, meticuloso. Os ensaios relativos ao preparo por via sêca e úmida devem ser iniciados, visando não só confirmar o que a prática já vem ensinando em outras regiões cafeeiras, como estudar detalhes relativos às condições locais, e, principalmente, formar pessoal técnico capaz de dirigir e orientar uma campanha de melhoria do produto.

e) Estação Experimental de Jucuruaba

Em Jucuruaba, graças aos esforços de Bemvindo Novais e dos agrônomos que o cercam, vem sendo organizada a primeira estação experimental do Espírito Santo.

Aí já está instalado um pequeno ensaio das melhores linhagens selecionadas no Instituto Agronômico. Além disso, já no próximo ano agrícola (outubro), deverão ser iniciados alguns campos de aumento das linhagens mais promissoras de variedade Bourbon, das que foram enviadas. Dentro de mais alguns anos, essa Estação Experimental poderá começar a fornecer semente da variedade Bourbon, muito melhor do que o que há atualmente disponível para ser usado pelos lavradores.

Não deverão ser descuradas as seleções locais, principalmente as da variedade Caturra, cafeeiro de grandes qualidades, que podem e devem ser exploradas econômicamente.

Jucuruaba é um bom início. É indispensável que o esfôrço dos que vêm trabalhando para fazer ali um centro de pesquisa agronômica, seja amparado pelos govêrnos estadual e federal.

V — CONCLUSÕES GERAIS

Tanto o Estado do Rio de Janeiro como o do Espírito Santo precisam de:

1) melhorar o preparo do café;

2) melhorar ou mesmo modificar radicalmente os processos culturais atualmente adotados;

3) organizar um serviço de combate à broca do café ;

4) iniciar e intensificar a experimentação agrícola com o cafeeiro.

1) A melhoria do preparo do café é possível :

a) por meio de usinas bem instaladas, bem orientadas por pessoal técnico competente, que se incumbam da compra e do preparo do café, tanto por via úmida como por via sêca, de acôrdo com o material que fôr possível adquirir nas regiões em que estejam instaladas ;

b) por meio do fomento do processo de despolpamento entre os pequenos produtores, ensinando-os a trabalhar convenientemente ;

c) no caso dos pequenos proprietários será indispensável que a entidade que se vai incumbir da orientação dêsse serviço compre café despolpado, durante algum tempo, pagando os preços que o mesmo valha, até que se forme um mercado normal para o produto.

d) enquanto houver resistência por parte do produtor em trabalhar seus cafés por via úmida, será necessário ensiná-lo a prepará-los melhor por via sêca, auxiliando-o na construção de pequenos terreiros ladrilhados e fazendo-o abandonar a prática de deixar permanecer o café amontoado por vários dias no cafèzal.

2) Para melhorar os processos culturais é preciso que esteja resolvida a questão da melhor remuneração pelo café produzido, o que só será realizado quando fôr melhorado o preparo do produto.

3) Os serviços que venham a ser organizados para o combate à broca, deverão ministrar instruções claras para : a colheita tão completa quando possível ; o repasse pelo menos no chão ; o transporte do café em sacos tipo lona ; o expurgo da sacaria após a entrega do café ; impedir o quanto seja possível, o transporte de café de zonas infestadas para zonas não infestadas e a formação de núcleos de criação natural da vespa de Uganda, para distribuição. Julgamos ser de premente necessidade que êsses serviços sejam organizados imediatamente, pelo Estado ou pelo Ministério ou pelo Estado e Ministério em coordenação.

4) É urgênte o estabelecimento e intensificação da experimentação cafeeira, sendo os atuais núcleos iniciais de Monção (no Estado do Rio de Janeiro) e Jacuruaba (no Estado do Espírito Santo) adaptáveis a essa finalidade. Outras estações experimentais deverão ser criadas para atender às condições peculiares das demais zonas cafeeiras.

LITERATURA CITADA

1. **Bittencourt, Hélio V. de Camargo.** — O contrôle à erosão nos cafèzais. Boletim da Superintendência dos Serviços de Café. Separata dos Boletins nºs. 194 de abril, 195 de maio e 196 de junho de 1943.

2. **Cunha, Agostinho Rodrigues.** — Arte da cultura e preparação do café. 1844. pg. 49.

3. **Delden Laërne — C.F. van.** Coffee culture in Brazil and Java. 1885. pg. 282.

4. **Departamento Nacional do Café.** Atlas Corográfico da Cultura Cafeeira. 1943.

5. **Departamento Nacional do Café.** Censo cafeeiro do D.N.C. 1942. Rev. D.N.C. XII (135): 421-664. 1944.

6. **Mendes, J.E. Teixeira.** Usinas de benefício de café em Costa Rica. Revista do Instituto de Café nº 131, pg. 33-38, janeiro de 1938; e nº 133, pg. 303-311, março de 1938.

7. **Moreira, Nicolau Joaquim.** Breves considerações sôbre a história e cultura do cafeeiro.
Rio de Janeiro. 1873.

8. **Krug, C.A., J.E.T. Mendes e A. Carvalho.** Taxonomia de Coffea arabica L. Bol. Técn. nº 62 do Instituto Agronômico.

9. **Krug, H.P.** — Cafés duros. IV — Relação entre zonas, qualidade de café e percentagem de microorganismos.
Revista do Instituto do Café. nº 169, pg. 288-295. março de 1941.

10. **Superintendência dos Serviços de Café.** — Anuário Estatístico 1944.

(Continua no próximo Boletim)

Estatísticas

Movimento da Safra 1942/43

Destino Santos

(ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1946)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	DESTINOS ALTERADOS	CONVERTIDAS	TOTAL	LIBERADAS	DESTINOS ALTERADOS	A LIBERAR
DIRÉTAS ...	3 873 031	185	—	3 873 216	3 867 348	5 858	10
10-R-42	91 701	—	8 508	100 209	100 209	—	—
9-R-42	1 254 998	—	32 172	1 287 170	1 286 928	—	242
8-R-42	506 475	—	6 326	512 801	512 058	—	743
7-R-42	323 366	—	3 488	326 854	325 875	—	979
6-R-42	207 130	—	3 996	211 126	211 126	—	—
5-R-42	143 847	—	1 153	145 000	144 800	200	—
4-R-42	131 131	—	1 108	132 239	128 518	3 721	—
3-R-42	154 337	—	1 835	156 172	155 342	760	70
2-R-42	95 555	—	1 205	96 760	96 760	—	—
1-R-42	105 216	—	916	106 132	106 052	—	80
2A-R-42	21 210	—	288	21 498	21 498	—	—
1A-R-42	63 448	148	2 164	65 760	65 704	—	56
Total	**3 098 414**	**148**	**63 159**	**3 161 721**	**3 154 870**	**4 681**	**2 170**
Pr. Desp. ..	39 519	—	—	39 519	39 519	—	—
Total geral	**7 010 964**	**333**	**63 159**	**7 074 456**	**7 061 737**	**10 539**	**2 180**

Movimento da Safra 1943/44

Destino Santos

(ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1946) **Saca de 60 quilos**

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-43	266 342	266 342	—
2-D-43	225 436	225 436	—
3-D-43	280 758	280 758	—
4-D-43	198 363	198 261	102
5-D-43	210 255	210 255	—
6-D-43	150 727	150 477	250
7-D-43	154 769	154 664	105
8-D-43	113 816	113 662	154
9-D-43	86 500	86 377	123
10-D-43	83 537	83 054	483
11-D-43	92 697	92 449	248
12-D-43	35 635	35 635	—
13-D-43	50 465	50 090	375
14-D-43	116 016	115 518	498
Total	**2 065 316**	**2 062 978**	**2 338**
14-R-43	266 359	261 227	5 132
13-R-43	225 456	220 240	5 216
12-R-43	280 795	275 428	5 367
11-R-43	198 391	196 120	2 271
10-R-43	210 295	203 234	7 061
9-R-43	150 748	147 683	3 065
8-R-43	154 792	151 188	3 604
7-R-43	113 847	112 622	1 225
6-R-43	86 524	85 633	891
5-R-43	83 559	81 990	1 569
4-R-43	92 708	91 968	740
3-R-43	35 650	35 614	36
2-R-43	50 484	50 214	270
1-R-43	116 042	115 919	123
Total	**2 065 650**	**2 029 080**	**36 570**
Preferencial	1 704 593	1 702 850	1 743
Pref. Despolpado	52 820	52 820	—
Total Geral	**5 888 379**	**5 847 728**	**40 651**

NOTA : — No total referente ao Preferencial Despolpado estão computadas 27 136 sacas despachadas durante o período de 1.º de junho a 15 de outubro de 1943.

Movimento da Safra 1944/45

Destino Santos

(ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1946)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-44	531	531	—
2-D-44	70 519	69 895	624
3-D-44	43 790	42 282	1 508
4-D-44	55 356	54 201	1 155
5-D-44	50 406	49 202	1 204
6-D-44	66 456	64 340	2 116
7-D-44	43 968	41 651	2 317
8-D-44	62 966	60 137	2 829
9-D-44	67 501	65 110	2 391
10-D-44	52 602	50 187	2 415
11-D-44	34 481	33 605	876
12-D-44	55 601	54 700	901
13-D-44	48 747	48 095	652
14-D-44	52 537	49 989	2 548
15-D-44	79 572	75 975	3 597
16-D-44	260 029	251 722	8 307
17-D-44	155 637	151 681	3 956
18-D-44	321 739	312 890	8 849
19-D-44	62 819	57 783	5 036
Total	**1 585 257**	**1 533 976**	**51 281**
16-R-44	531	531	—
15-R-44	70 535	20 786	49 749
14-R-44	43 806	20 040	23 766
13-R-44	55 372	24 773	30 599
12-R-44	50 423	24 161	26 262
11-R-44	66 478	29 664	36 814
10-R-44	43 979	18 992	24 987
9-R-44	62 988	32 158	30 830
8-R-44	67 514	39 267	28 247
7-R-44	52 616	21 394	31 222
6-R-44	34 490	14 885	19 605
5-R-44	55 613	22 274	33 339
4-R-44	48 762	24 947	23 815
3-R-44	52 546	23 949	28 597
2-R-44	79 592	37 356	42 236
1-R-44	260 117	142 382	117 735
2A-R-44	155 724	95 281	60 443
1A-R-44	321 921	224 775	97 146
1B-R-44	62 869	53 545	9 324
Total	**1 585 876**	**871 160**	**714 716**
Preferencial	693 552	549 160	144 392
Pref. Despolpado	24 896	24 896	—
Total Geral	**3 889 581**	**2 979 192**	**910 389**

Movimento da Safra 1945/46

Destino Santos

(ATÉ 31 DE JANEIRO DE 1946)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-45	27 443	6 953	20 490
2-D-45	62 924	17 362	45 562
3-D-45	92 752	6 019	86 733
4-D-45	219 975	9 160	210 815
5-D-45	195 014	5 252	189 762
6-D-45	240 238	8 063	232 175
7-D-45	217 676	10 952	206 724
8-D-45	207 426	14 628	192 798
9-D-45	122 494	8 479	114 015
10-D-45	155 899	4 736	151 163
11-D-45	108 681	741	107 940
12-D-45	94 843	3 312	91 531
13-D-45	57 712	4 677	53 035
14-D-45	65 664	666	64 998
Total	**1 868 741**	**101 000**	**1 767 741**
18-R-45	27 452	5 132	22 320
17-R-45	62 972	7 107	55 865
16-R-45	92 778	3 118	89 660
15-R-45	220 025	7 059	212 966
14-R-45	195 048	5 255	189 793
13-R-45	240 291	8 183	232 108
12-R-45	217 735	11 106	206 629
11-R-45	207 474	14 630	192 844
10-R-45	122 535	8 481	114 054
9-R-45	155 966	3 862	152 104
8-R-45	108 718	498	108 220
7-R-45	94 869	873	93 996
6-R-45	57 732	4 678	53 054
5-R-45	65 699	667	65 032
Total	**1 869 294**	**80 649**	**1 788 645**
Preferencial	1 490 056	52 929	1 437 127
Pref. Despolpado	19 102	16 361	2 741
Total Geral	**5 247 193**	**250 939**	**4 996 254**

Café Paulista entrado em Santos

I — SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

Janeiro de 1946

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	1942/43	1943/44	1944/45	1945/46	TOTAL
São Paulo Railway	—	—	2 400	37 952	40 352
E. F. Sorocabana	—	—	96 788	500	97 288
Cia. Paulista E. F.	—	—	49 743	12 802	62 545
Cia. Mogiana E. F.	5 681	9 126	38 570	—	53 377
E. F. Araraquara	—	—	28 086	—	28 086
Cia. E. F. do Dourado	—	—	527	—	527
Cia. Fer. S. Paulo Goiaz	—	—	6 327	—	6 327
E. F. Noroeste do Brasil	1 110	—	60 021	—	61 131
Cia. Campineira de T.L.F.	—	—	—	450	450
E. F. São Paulo e Minas	—	1 014	701	—	1 715
E. F. Barra Bonita	—	—	699	—	699
Total	**6 791**	**10 140**	**283 862**	**51 704**	**352 497**

Adubar sàbiamente é manter a fertilidade da terra, que é o maior patrimônio do agricultor e do país.

Café Paulista (preferencial) entrado em Santos

II — MÊS DE DESPACHO POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

JANEIRO DE 1946

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	JAN.º 1944	MARÇO 1944	SET.º 1944	OUT.º 1944	NOV.º 1944	DEZ.º 1944	JAN.º 1945	FEV.º 1945	MARÇO 1945	ABRIL 1945	MAIO 1945	AGÔSTO 1945	SET.º 1945	OUT.º 1945	NOV.º 1945	DEZ.º 1945	TOTAL
Pref. 43/44																	
E. F. S. Paulo e Minas	700	314	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 014
Total	700	314	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 014
Pref. 44/45																	
E. F. Sorocabana	—	—	—	—	—	—	—	—	—	12 346	880	—	—	—	—	—	13 206
Cia. Paulista de E. F.	—	—	—	—	524	867	—	3 037	500	946	—	—	—	—	—	—	5 874
Cia. Mogiana de E. F.	—	—	720	920	4 177	2 362	2 167	1 580	4 609	9 612	3 074	—	—	—	—	—	29 251
E. F. Araraquara	—	—	—	—	—	—	—	—	—	78	—	—	—	—	—	—	78
E. F. Noroeste do Brasil	—	—	—	—	—	200	1 240	—	—	3 881	1 551	—	—	—	—	—	6 872
E. F. S. Paulo e Minas	—	—	—	—	—	—	—	—	—	701	—	—	—	—	—	—	701
Total	—	—	720	920	4 701	3 429	3 407	4 617	5 109	27 594	5 485	—	—	—	—	—	55 982
Pref. 45/46																	
São Paulo Railway	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 500	3 959	2 231	3 748	11 438
Cia. Paulista de E. F.	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	210	6 255	4 936	898	—	12 299
Total	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	210	7 755	8 895	3 129	3 748	23 737
Pref. Despolp. 45/46 (Res. 467)																	
E. F. Sorocabana	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	500	500
Cia. Paulista de E. F.	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	503	—	—	503
Total	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	503	—	500	1 003
Total Geral	700	314	720	920	4 701	3 429	3 407	4 617	5 109	27 594	5 485	210	7 755	9 398	3 129	4 248	81 736

Café Mineiro, Goiano e Paranaense entrado em Santos

III — SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

Janeiro de 1946

Saca de 60 quilos

E. DE FERRO	MINEIRO				GOIANO	PARANAENSE			TOTAL
	1943/44	1944/45	1945/46	TOTAL	1945/46	1944/45	1945/46	TOTAL	
Cia. Mogiana E. F...	11 193	19 374	7 335	37 902	5 301	—	—	—	43 203
Rêde Min. de Viação..	2 575	5 487	14 879	22 941	—	—	—	—	22 941
Leopoldina Railway..	23 554	15 980	4 091	43 625	—	—	—	—	43 625
E. F. Vitória a Minas.	3 783	3 584	—	7 367	—	—	—	—	7 367
E. F. S. Paulo-Paraná.	—	—	—	—	—	11 223	1 145	12 368	12 368
Total...	**41 105**	**44 425**	**26 305**	**111 835**	**5 301**	**11 223**	**1 145**	**12 368**	**129 504**

Resumo do café entrado em Santos

IV — SAFRA POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

Janeiro de 1946

Saca de 60 quilos

SAFRA	TOTAL DE JULHO A DEZEMBRO	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL DO MÊS	TOTAL GERAL
1942/43	415 237	6 791	—	—	—	6 791	422 028
1943/44	715 344	10 140	41 105	—	—	51 245	766 589
1944/45	3 139 816	283 862	44 425	—	11 223	339 510	3 479 325
1945/46	225 675	51 704	26 305	5 301	1 145	84 455	310 130
Total...	**4 496 072**	**352 497**	**111 835**	**5 301**	**12 368**	**482 001**	**4 978 073**
Mesmo período ano anterior	2 065 216	86 880	30 512	—	6 032	123 424	2 188 640

ESTRADA DE FERRO	ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1945				
	PREFER. DESPOLP. (Res. 467)	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL
São Paulo Railway Co.	3 018	142 462	142 362	60 309	348 151
E. F. Sorocabana	9 437	325 506	325 463	88 364	748 770
Cia. Paulista E. F.	1 860	462 334	462 208	249 729	1 176 131
Cia. Mogiana E. F.	3 364	70 245	70 147	568 609	712 365
E. F. Araraquara	—	284 444	284 379	163 331	732 154
Cia. E. F. do Dourado	—	45 343	45 335	44 671	135 349
Cia. Fer. S. Paulo-Goiaz	—	48 397	48 370	83 236	180 003
E. F. Monte Alto	—	3 124	3 124	4 996	11 244
E. F. Noroeste do Brasil	—	360 922	360 900	73 513	795 335
Cia. E. F. Itatibense	—	364	364	—	728
Cia. Campineira de T. L. F.	—	762	761	—	1 523
E. F. S. Paulo e Minas	—	1 415	1 410	22 072	24 897
E. F. Jaboticabal	—	—	—	336	336
E. F. Barra Bonita	—	30	30	—	60
E. F. Morro Agudo	—	353	350	5 332	6 035
E. F. Central do Brasil	—	162	162	409	733
Total	**17 679**	**1 745 863**	**1 745 365**	**1 364 907**	**4 873 814**

NOTAS : — Além dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fora de Série" 1 733 729 sacas de 1 de Julho de 1945 a 31 de Janeiro de 1946.
Na Série Pref. Despolp. (Res. 467) safra 1945/46 foram despachadas durante o mês de Maio de 1945, 560 sacas.

Café Paul

ESTRADA DE FERRO	ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1945				
	PREFER. DESPOLP. (Res. 467)	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL
E. F. Sorocabana	—	—	—	3 000	3 000
Cia. Paulista	—	—	—	2 321	2 321
E. F. Araraquara	—	400	400	1 200	2 000
E. F. Noroeste do Brasil	—	—	—	2 500	2 500
E. F. Central do Brasil	—	250	250	300	800
Total	**—**	**650**	**650**	**9 321**	**10 621**

NOTAS : — Além dos despachos acima mencionados foram despachados "Fora de Série" 110 863 sacas de 1.ª de Julho de 1945 a 31 de Janeiro de 1946.
Com destino a Angra dos Reis foram despachadas 15 sacas na Série Retida e 15 sacas na Série Diréta, na 2.ª quinzena de Novembro de 1945, e 239 sacas na Série Pref., na 2.ª quinzena de Janeiro de 1946, pela Cia. Mogiana de E. F.

NTOS

OVIMENTO

ROCA RTIDO O QUE NC	RETIRADO DO ESTOQUE P/DNC SERVIÇO DE PROPAGANDA	DE TROCA RETIRADO DO ESTOQUE P/DNC	RETIRADO DO ESTOQUE PELO DNC SERVIÇO PROPAGANDA	ENCONTRADO A MAIS NA VERIFICAÇÃO DO ESTOQUE DNC	EXISTÊNCIA
—	105	—	—	—	2 659 890
—	3 993	—	—	—	2 663 016
—	319	208	—	—	2 476 009
—	192	—	—	—	3 239 558
—	413	—	—	—	3 253 308
—	—	—	—	—	2 527 915
—	1 768	—	—	—	2 441 958
—	6 790	208	—	—	—
9 981	191 071	2 969	—	—	3 582 540
7 808	35 118	126 688	—	—	2 145 368
5 343	23 572	17 286	42 739	—	1 584 738
—	180 588	83 711	—	1 192 888	1 379 146

Café Paulista entrado no Rio de Janeiro

I — SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

Janeiro de 1946

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	1945/46	TOTAL
São Paulo Railway	20 000	20 000
E. F. Sorocabana	3 000	3 000
Cia. Paulista	1 304	1 304
Noroeste do Brasil	1 000	1 000
Total	**25 304**	**25 304**

Resumo do café entrado no Rio de Janeiro

II — POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

Janeiro de 1946

Saca de 60 quilos

ESTADO DE PROCEDÊNCIA	DE JULHO A OUTUBRO	MÊS DE NOVEMBRO	TOTAL
São Paulo	6 096	5 300	11 396
Minas Gerais	605 064	156 766	761 830
Rio de Janeiro	263 828	40 337	304 165
Espírito Santo	447 402	50 199	497 601
Total	**1 322 390**	**252 602**	**1 574 992**

Exportação Brasileira de Café

I — Detalhe pelos países de destino

DEZEMBRO DE 1945

PAÍSES DE DESTINO	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	VALOR EM LIBRAS
ÁFRICA :			
Tânger	5 833	1 752 931,00	23 545
AMÉRICA CENTRAL :			
Cuba	60 000	14 234 518,30	190 924
AMÉRICA DO NORTE :			
Canadá	2 400	870 331,80	11 694
Estados Unidos	1 135 330	409 375 666,10	5 498 478
ÁFRICA DO SUL :			
Argentina	41 493	10 672 967,80	143 431
Chile	23 200	6 234 873,90	83 814
Guiana Francesa	600	181 909,90	2 439
Paraguai	500	140 904,20	1 894
Uruguai	1 150	291 280,50	3 933
EUROPA :			
Belgo-Luxemburguesa, U. E.	40 000	15 286 770,30	205 757
Espanha	1 400	419 948,10	5 645
Finlândia	7	2 842,80	38
Grã-Bretanha	25 102	7 899 919,70	106 579
Holanda	12 011	4 257 849,90	57 234
Itália	15	5 953,40	80
Noruega	202	54 941,20	739
Suécia	102 918	39 294 125,00	526 587
Suíça	33 912	12 181 450,00	163 740
Total	**1 486 073**	**523 159 183,90**	**7 026 551**

Exportação Brasileira de Café

II — Detalhe pelos portos de destino — DEZEMBRO DE 1945

PORTOS DE DESTINO	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	VALOR EM LIBRAS
ÁFRICA :			
TÂNGER :			
Tânger	4 166	1 210 171,90	16 255
Via Nova York	1 667	542 759,10	7 290
AMÉRICA CENTRAL:			
CUBA :			
Matanzas	60 000	14 234 518,30	190 924
AMÉRICA DO NORTE :			
CANADÁ :			
Montreal	900	312 509,30	4 201
Via Nova York	1 500	557 822,50	7 493
ESTADOS UNIDOS :			
Baltimore	250	94 262,70	1 262
Boston	49 640	18 154 752,80	243 695
Houston	54 279	20 599 201,60	277 001
Jacksonville	13 110	4 981 387,20	67 026
Los Angeles	5 675	1 735 675,10	23 249
Nova York	564 000	206 816 784,80	2 775 988
Nova Orleães	427 876	150 753 160,50	2 026 712
Portland	2 900	885 408,20	11 858
São Francisco	14 250	4 330 315,60	57 971
Seattle	3 350	1 024 717,60	13 716
AMÉRICA DO SUL :			
ARGENTINA :			
Buenos Aires	35 605	9 174 355,20	123 361
Rosário	5 888	1 498 612,60	20 070
CHILE :			
Talcahuano	9 300	2 610 956,90	35 098
Valparaíso	13 900	3 623 917,00	48 716
GUIANA FRANCESA :			
Caiena	520	158 320,70	2 123
Saint Laurent du Maroni	80	23 589,20	316
PARAGUAI :			
Assunção	500	140 904,20	1 894
URUGUAI :			
Montevidéu	1 150	291 280,50	3 933
EUROPA :			
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E. :			
Antuérpia	40 000	15 286 770,30	205 757
ESPANHA :			
Bilbáu	1 400	419 948,10	5 645
FINLÂNDIA :			
Helsimki	7	2 842,80	38
GRÃ-BRETANHA :			
Liverpool	25 102	7 899 919,70	106 579
HOLANDA :			
Amsterdão	12 011	4 257 849,90	57 234
ITÁLIA :			
Gênova	15	5 953,40	80
NORUEGA :			
Bergen	200	54 383,20	731
Oslo	2	558,00	8
SUÉCIA :			
Estocolmo	69 006	26 182 586,90	350 879
Gotemburgo	22 401	8 717 551,80	116 919
Malmo	11 511	4 393 986,30	58 789
SUÍÇA :			
Via Antuérpia	33 912	12 181 450,00	163 740
Total	**1 486 073**	**523 159 183,90**	**7 026 551**

Exportação Brasileira de Café

III — Detalhe pelos portos de procedência

DEZEMBRO DE 1945

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	VALOR EM LIBRAS
ÁFRICA:				
Tânger	Rio de Janeiro	5 833	1 752 931,00	23 545
AMÉRICA CENTRAL:				
Cuba	Vitória	60 000	14 234 518,30	190 924
AMÉRICA DO NORTE:				
Canadá	Santos	2 400	870 331,80	11 694
ESTADOS UNIDOS	Santos	908 685	340 119 362,20	4 568 969
	Rio de Janeiro	163 437	50 262 510,70	674 359
	Vitória	27 400	6 468 737,10	87 045
	Angra dos Reis	13 000	4 711 287,50	62 979
	Paranaguá	12 995	4 816 966,30	64 798
	Bahia	5 300	1 563 925,50	21 060
	Recife	4 513	1 432 876,80	19 268
AMÉRICA DO SUL:				
ARGENTINA	Santos	2 702	959 444,40	12 900
	Rio de Janeiro	28 108	7 221 886,90	96 987
	Vitória	10 683	2 491 636,50	33 544
Chile	Rio de Janeiro	23 200	6 234 873,90	83 814
Guiana Francesa	Belém	200	63 963,90	8 .0
PARAGUAI	Rio de Janeiro	500	140 904,20	1 894
	Bahia	400	117 946,00	1 579
Uruguai	Rio de Janeiro	1 150	291 280,50	3 933
EUROPA:				
Belgo-Luxemburg., U.E.	Santos	40 000	15 286 770,30	205 757
Espanha	Rio de Janeiro	1 400	419 948,10	5 645
Finlândia	Santos	7	2 842,80	38
Grã-Bretanha	Santos	25 100	7 899 473,30	106 573
	Bahia	2	445,40	6
Holanda	Santos	12 011	4 257 849,90	57 234
Itália	Santos	15	5 953,40	80
Noruega	Rio de Janeiro	202	54 941,20	739
Suécia	Santos	87 035	33 672 586,40	451 021
	Rio de Janeiro	6 133	2 107 123,80	28 326
	Angra dos Reis	9 750	3 514 414,80	47 240
Suíça	Santos	31 059	11 326 625,20	152 250
	Bahia	2 853	854 824,80	11 490
	Total Geral	**1 486 073**	**523 159 183,90**	**7 026 551**

PORTOS DO DESTINO.	PORTOS DE PROCEDÊNCIA								
	SANTOS	R. DE JANEIRO	VITÓRIA	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	BELÉM	TOTAL
ÁFRICA :									
TÂNGER :									
Tânger	—	4 166	—	—	—	—	—	—	4 166
Via Nova York	—	1 667	—	—	—	—	—	—	1 667
AMÉRICA CENTRAL :									
CUBA :									
Matanzas	—	—	60 000	—	—	—	—	—	60 000
AMÉRICA DO NORTE :									
CANADÁ :									
Montreal	900	—	—	—	—	—	—	—	900
Via Nova York	1 500	—	—	—	—	—	—	—	1 500
ESTADOS UNIDOS :									
Baltimore	250	—	—	—	—	—	—	—	250
Boston	49 640	—	—	—	—	—	—	—	49 640
Houston	54 279	—	—	—	—	—	—	—	54 279
Jacksonville	13 110	—	—	—	—	—	—	—	13 110
Los Angeles	—	5 675	—	—	—	—	—	—	5 675
Nova York	466 599	66 893	—	13 000	12 995	1 000	3 513	—	564 000
Nova Orleães	324 507	70 669	27 400	—	—	4 300	1 000	—	427 876
Portland	—	2 900	—	—	—	—	—	—	2 900
São Francisco	300	13 950	—	—	—	—	—	—	14 250
Seattle	—	3 350	—	—	—	—	—	—	3 350
AMÉRICA DO SUL :									
ARGENTINA :									
Buenos Aires	2 702	24 120	8 783	—	—	—	—	—	35 605
Rosário	—	3 988	1 900	—	—	—	—	—	5 888
CHILE :									
Talcahuano	—	9 300	—	—	—	—	—	—	9 300
Valparaíso	—	13 900	—	—	—	—	—	—	13 900
GUIANA FRANCESA :									
Caiena	—	—	—	—	—	320	—	200	520
Saint Laurent du Maroni	—	—	—	—	—	80	—	—	80
PARAGUAI :									
Assunção	—	500	—	—	—	—	—	—	500
URUGUAI :									
Montevidéu	—	1 150	—	—	—	—	—	—	1 150
EUROPA :									
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E. :									
Antuérpia	40 000	—	—	—	—	—	—	—	40 000
ESPANHA : Bilbáu	—	1 400	—	—	—	—	—	—	1 400
FINLÂNDIA : Helsinki	7	—	—	—	—	—	—	—	7
GRÃ-BRETANHA : Liverpool	25 100	—	—	—	—	2	—	—	25 102
HOLANDA : Amsterdão	12 011	—	—	—	—	—	—	—	12 011
ITÁLIA : Gênova	15	—	—	—	—	—	—	—	15
NORUEGA : Bergen	—	200	—	—	—	—	—	—	200
Oslo	—	2	—	—	—	—	—	—	2
SUÉCIA : Estocolmo	58 505	5 626	—	4 875	—	—	—	—	69 006
Gotemburgo	17 019	507	—	4 875	—	—	—	—	22 401
Malmo	11 511	—	—	—	—	—	—	—	11 511
SUÍÇA : Via Antuérpia	31 059	—	—	—	—	2 853	—	—	33 912
Total	**1 109 014**	**229 963**	**98 083**	**22 750**	**12 995**	**8 555**	**4 513**	**200**	**1 486 073**

Exportação Brasileira de Café

V — Detalhe do valor, em cruzeiros, pelos portos do destino segundo os de procedência — DEZEMBRO DE 1945

PORTOS DO DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA								
	SANTOS	R. DE JANEIRO	VITÓRIA	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	BELÉM	TOTAL
ÁFRICA :									
TÂNGER :									
Tânger	—	1 210 171,90	—	—	—	—	—	—	1 210 171,90
Via Nova York	—	542 759,10	—	—	—	—	—	—	542 759,10
AMÉRICA CENTRAL :									
CUBA :									
Matanzas	—	—	14 234 518,30	—	—	—	—	—	14 234 518,30
AMÉRICA DO NORTE :									
CANADÁ :									
Montreal	312 509,30	—	—	—	—	—	—	—	312 509,30
Via Nova York	557 822,50	—	—	—	—	—	—	—	557 822,50
ESTADOS UNIDOS :									
Baltimore	94 262,70	—	—	—	—	—	—	—	94 262,70
Boston	18 154 752,80	—	—	—	—	—	—	—	18 154 752,80
Houston	20 599 201,60	—	—	—	—	—	—	—	20 599 201,60
Jacksonville	4 981 387,20	—	—	—	—	—	—	—	4 981 387,20
Los Angeles	—	1 735 675,10	—	—	—	—	—	—	1 735 675,10
Nova York	175 090 636,50	20 839 317,40	—	4 711 287,50	4 816 966,30	275 366,40	1 083 210,70	—	206 816 784,80
Nova Orleães	121 111 367,30	21 534 830,90	6 468 737,10	—	—	1 288 559,10	349 666,10	—	150 753 160,50
Portland	—	885 408,20	—	—	—	—	—	—	885 408,20
São Francisco	87 754,10	4 242 561,50	—	—	—	—	—	—	4 330 315,60
Seattle	—	1 024 717,60	—	—	—	—	—	—	1 024 717,60
AMÉRICA DO SUL :									
ARGENTINA :									
Buenos Aires	959 444,40	6 167 409,80	2 047 501,00	—	—	—	—	—	9 174 355,20
Rosário	—	1 054 477,10	444 135,50	—	—	—	—	—	1 498 612,60
CHILE :									
Talcahuano	—	2 610 956,90	—	—	—	—	—	—	2 610 956,90
Valparaíso	—	3 623 917,00	—	—	—	—	—	—	3 623 917,00
GUIANA FRANCESA :									
Caiena	—	—	—	—	—	94 356,80	—	63 963,90	158 320,70
Saint Laurent du Maroni	—	—	—	—	—	23 589,20	—	—	23 589,20
PARAGUAI :									
Assunção	—	140 904,20	—	—	—	—	—	—	140 904,20
URUGUAI :									
Montevidéu	—	291 280,50	—	—	—	—	—	—	291 280,50
EUROPA :									
BELGO-LUX., U. E. :									
Antuérpia	15 286 770,30	—	—	—	—	—	—	—	15 286 770,30
ESPANHA : Bilbáu	—	419 948,10	—	—	—	—	—	—	419 948,10
FINLÂNDIA : Helsinki	2 842,80	—	—	—	—	—	—	—	2 842,80
GRÃ-BRETANHA : Liverpool	7 899 473,30	—	—	—	—	446,40	—	—	7 899 919,70
HOLANDA : Amsterdão	4 257 849,90	—	—	—	—	—	—	—	4 257 849,90
ITÁLIA : Gênova	5 953,40	—	—	—	—	—	—	—	5 953,40
NORUEGA : Bergen	—	54 383,20	—	—	—	—	—	—	54 382,20
Oslo	—	558,00	—	—	—	—	—	—	558,00
SUÉCIA : Estocolmo	22 491 886,70	1 933 492,80	—	1 757 207,40	—	—	—	—	26 182 586,90
Gotemburgo	6 786 713,40	173 631,00	—	1 757 207,40	—	—	—	—	8 717 551,80
Malmo	4 393 986,30	—	—	—	—	—	—	—	4 393 986,30
SUÍÇA : Via Antuérpia	11 326 625,20	—	—	—	—	854 824,80	—	—	12 181 450,00

PORTOS DO DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA								
	SANTOS	R. DE JANEIRO	VITÓRIA	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	BELÉM	TOTAL
ÁFRICA :									
TÂNGER :									
Tânger	—	16 255	—	—	—	—	—	—	16 255
Via Nova York	—	7 290	—	—	—	—	—	—	7 290
AMÉRICA CENTRAL :									
CUBA :									
Matanzas	—	—	190 924	—	—	—	—	—	190 924
AMÉRICA DO NORTE :									
CANADÁ :									
Montreal	4 201	—	—	—	—	—	—	—	4 201
Via Nova York	7 493	—	—	—	—	—	—	—	7 493
ESTADOS UNIDOS :									
Baltimore	1 262	—	—	—	—	—	—	—	1 262
Boston	243 695	—	—	—	—	—	—	—	243 695
Houston	277 001	—	—	—	—	—	—	—	277 001
Jacksonville	67 026	—	—	—	—	—	—	—	67 026
Los Angeles	—	23 249	—	—	—	—	—	—	23 249
Nova York	2 350 776	279 160	—	62 979	64 798	3 711	14 564	—	2 775 988
Nova Orleães	1 628 032	289 582	87 045	—	—	17 349	4 704	—	2 026 712
Portland	—	11 858	—	—	—	—	—	—	11 858
São Francisco	1 177	56 794	—	—	—	—	—	—	57 971
Seattle	—	13 716	—	—	—	—	—	—	13 716
AMÉRICA DO SUL :									
ARGENTINA :									
Buenos Aires	12 900	82 889	27 572	—	—	—	—	—	123 361
Rosário	—	14 098	5 972	—	—	—	—	—	20 070
CHILE :									
Talcahuano	—	35 098	—	—	—	—	—	—	35 098
Valparaíso	—	48 716	—	—	—	—	—	—	48 716
GUIANA FRANCESA :									
Caiena	—	—	—	—	—	1 263	—	860	2 123
Saint Laurent du Maroni	—	—	—	—	—	316	—	—	316
PARAGUAI :									
Assunção	—	1 894	—	—	—	—	—	—	1 894
URUGUAI :									
Montevidéu	—	3 933	—	—	—	—	—	—	3 933
EUROPA :									
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E :									
Antuerpia	205 757	—	—	—	—	—	—	—	205 757
ESPANHA : Bilbáu	—	5 645	—	—	—	—	—	—	5 645
FILÂNDIA : Helsinki	38	—	—	—	—	—	—	—	38
GRÃ-BRETANHA : Liverpool	106 573	—	—	—	—	6	—	—	106 579
HOLANDA : Amsterdão	57 234	—	—	—	—	—	—	—	57 234
ITÁLIA : Gênova	80	—	—	—	—	—	—	—	80
NORUEGA : Bergen	—	731	—	—	—	—	—	—	731
Oslo	—	8	—	—	—	—	—	—	8
SUÉCIA : Estocolmo	301 268	25 991	—	23 620	—	—	—	—	350 879
Gotemburgo	90 964	2 335	—	23 620	—	—	—	—	116 919
Malmo	58 789	—	—	—	—	—	—	—	58 789
SUIÇA : Via Antuérpia	152 250	—	—	—	—	11 490	—	—	163 740
Total	**5 566 516**	**919 242**	**311 513**	**110 219**	**64 798**	**34 135**	**19 268**	**860**	**7 026 551**

Exportação Brasileira de Café

VII — Discriminação do destino por continente, segundo a procedência

DEZEMBRO DE 1945

CONTINENTES	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (SACA DE 60 QUILOS)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
ÁFRICA	Rio de Janeiro	5 833	1 752 931,00	23 545
AMÉRICA CENTRAL	Vitória	60 000	14 234 518,30	190 924
AMÉRICA DO NORTE	Santos	911 085	340 989 694,00	4 580 663
	Rio de Janeiro	163 437	50 262 510,70	674 359
	Vitória	27 400	6 468 737,10	87 045
	Angra dos Reis	13 000	4 711 287,50	62 979
	Paranaguá	12 995	4 816 966,30	64 798
	Bahia	5 300	1 563 925,50	21 060
	Recife	4 513	1 432 876,80	19 268
AMÉRICA DO SUL	Santos	2 702	959 444,40	12 900
	Rio de Janeiro	52 958	13 888 945,50	186 628
	Vitória	10 683	2 491 636,50	33 544
	Bahia	400	117 946,00	1 579
	Belém	200	63 963,90	860
EUROPA	Santos	195 227	72 452 101,30	972 953
	Rio de Janeiro	7 735	2 582 013,10	34 710
	Angra dos Reis	9 750	3 514 414,80	47 240
	Bahia	2 855	855 271,20	11 496
	Total Geral	**1 486 073**	**523 159 183,90**	**7 026 551**

Exportação Brasileira de Café

VIII — Detalhe pelos países do destino

ANO DE 1945

PAÍSES DO DESTINO	QUANTIDADE (Saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	VALOR EM LIBRAS
ÁFRICA :			
Moçambique	300	92 892,90	1 248
Tânger	9 166	2 711 963,90	36 334
União Sul Africana	1 100	323 589,80	4 318
AMÉRICA CENTRAL :			
Cuba	60 000	14 234 518,30	190 924
AMÉRICA DO NORTE :			
Canadá	142 073	52 703 197,50	706 966
Estados Unidos	11 690 554	3 483 435 455,80	46 767 647
AMÉRICA DO SUL :			
Argentina	485 079	120 149 830,20	1 632 390
Chile	166 192	40 353 870,60	523 383
Guiana Francesa	2 165	618 439,70	8 281
Paraguai	6 200	1 527 700, 0	20 232
Peru	30	4 500,00	57
Uruguai	54 740	12 597 763,70	169 942
EUROPA :			
Belgo-Luxemburguesa, U.E.	310 900	103 237 223,30	1 388 488
Danzigue	51 548	13 454 028,00	180 848
Dinamarca	68 017	23 818 739,00	320 197
Espanha	2 610	760 383,70	10 216
Finlândia	7	2 842,80	38
França	97	36 447,20	480
Grã-Bretanha	332 618	103 185 330,30	1 388 493
Grécia	16 000	4 176 000,00	56 134
Holanda	83 261	28 337 757,70	380 302
Islândia	15 450	4 495 376,70	60 676
Itália	1 159	317 046,30	4 260
Noruega	91 364	27 977 650,00	374 241
Suécia	491 392	171 194 792,40	2 294 505
Suíça	65 005	22 805 141,00	305 973
Tchecoslováquia	20	5 871,20	78
União Soviética	25 000	8 248 436,10	110 546
NÃO ESPECIFICADO :			
Consumo de bordo	5	1 386,50	18
Total	**14 172 052**	**4 240 808 174,90**	**56 937 215**

Exportação Brasileira de Café

IX — Detalhe pelos países do destino

ANO DE 1945

PAÍSES DO DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (Saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	VALOR EM LIBRAS
ÁFRICA:				
Moçambique	Rio de Janeiro	300	92 892,90	1 248
Tânger	Santos	3 333	959 032,90	12 789
	Rio de Janeiro	5 833	1 752 931,00	23 545
União Sul Africana	Rio de Janeiro	1 100	323 589,80	4 318
AMÉRICA CENTRAL:				
Cuba	Vitória	60 000	14 234 518,30	190 924
AMÉRICA DO NORTE:				
Canadá	Santos	141 523	52 537 323,00	704 741
	Rio de Janeiro	550	165 874,50	2 225
Estados Unidos	Santos	8 544 383	2 657 796 764,70	35 618 046
	Rio de Janeiro	1 876 119	544 496 009,70	7 368 860
	Vitória	843 425	159 139 534,00	2 140 312
	Angra dos Reis	79 616	24 833 529,90	332 985
	Paranaguá	46 333	15 020 749,10	201 804
	Bahia	138 730	35 393 257,00	476 477
	Recife	159 965	46 150 346,40	621 027
	Florianópolis	1 983	605 265,00	8 136
AMÉRICA DO SUL:				
Argentina	Santos	77 733	25 242 522,00	338 948
	Rio de Janeiro	302 051	69 139 216,10	946 250
	Vitória	81 258	18 449 285,70	248 138
	Paranaguá	21 042	6 541 435,10	88 577
	Bahia	2 995	777 371,30	10 477
Chile	Santos	7 525	2 509 925,20	32 268
	Rio de Janeiro	158 667	37 843 945,40	491 115
Guiana Francesa	Bahia	1 025	271 901,70	3 648
	Belém	1 140	346 538,00	4 633
Paraguai	Rio de Janeiro	6 200	1 527 700,40	20 232
Peru	Belém	30	4 500,00	57
Uruguai	Santos	4 240	1 425 509,30	19 179
	Rio de Janeiro	38 000	8 389 939,80	113 159
	Vitória	12 500	2 782 314,60	37 604
EUROPA:				
Belgo-Luxemburguesa, U.E.	Santos	310 900	103 237 223,30	1 388 488
Dantzigue	Santos	51 548	13 454 028,00	180 848
Dinamarca	Santos	68 002	23 813 844,00	320 104
	Rio de Janeiro	15	4 895,00	93
Espanha	Rio de Janeiro	2 610	760 383,70	10 216
França	Rio de Janeiro	97	36 447,20	480
Finlândia	Santos	7	2 842,80	38
Grã-Bretanha	Santos	332 616	103 184 883,90	1 388 487
	Bahia	2	446,40	6
Grécia	Santos	16 000	4 176 000,00	56 134
Holanda	Santos	83 261	28 337 757,70	380 302
Islândia	Rio de Janeiro	15 450	4 495 376,70	60 676
Itália	Santos	115	40 953,40	550
	Rio de Janeiro	1 044	276 092,80	3 710
Noruega	Santos	91 162	27 922 708,80	373 502
	Rio de Janeiro	202	54 941,20	739
Suécia	Santos	468 503	163 003 619,80	2 185 671
	Rio de Janeiro	6 139	2 108 797,80	28 348
	Angra dos Reis	16 750	5 992 374,80	80 486
Suíça	Santos	53 082	19 094 304,10	256 197
	Rio de Janeiro	7 002	2 578 560,70	34 557
	Bahia	4 021	1 132 276,20	15 219
	Rio de Janeiro	20	5 871,20	78
	Santos	25 000	8 248 436,10	110 546
NÃO ESPECIFICADO:				
Consumo de bordo	Santos	2	599,90	8
	Rio de Janeiro	3	786,60	10
Total		14 172 052	4 240 808 174,90	56 937 215

Exportação Brasileira de Café

X — Detalhe do destino por continente, segundo a procedência

ANO DE 1945

CONTINENTES	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (SACA DE 60 QUILOS)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
ÁFRICA	Santos	3 333	959 032,90	12 789
	Rio de Janeiro	7 233	2 169 413,70	29 111
AMÉRICA CENTRAL	Vitória	60 000	14 234 518,30	190 924
AMÉRICA DO NORTE	Santos	8 685 906	2 710 334 087,70	36 322 787
	Rio de Janeiro	1 876 669	544 661 884,20	7 371 085
	Vitória	843 425	159 139 534,00	2 140 312
	Angra dos Reis	79 616	24 833 529,90	332 985
	Paranaguá	46 333	15 020 749,10	201 804
	Bahia	138 730	35 393 257,00	476 477
	Recife	159 965	46 150 346,40	621 027
	Florianópolis	1 983	605 265,00	8 136
AMÉRICA DO SUL	Santos	89 498	29 177 956,50	390 395
	Rio de Janeiro	504 918	116 900 801,70	1 570 756
	Vitória	93 758	21 231 600,30	285 742
	Paranaguá	21 042	6 541 435,10	88 577
	Bahia	4 020	1 049 273,00	14 125
	Belém	1 170	351 038,00	4 690
EUROPA	Santos	1 500 196	494 606 601,90	6 640 867
	Rio de Janeiro	33 479	10 321 366,30	138 897
	Angra dos Reis	16 750	5 992 374,80	80 486
	Bahia	4 023	1 132 722,60	15 225
NÃO ESPECIFICADO	Santos	2	599,90	8
	Rio de Janeiro	3	786,60	10
	Total	**14 172 052**	**4 240 808 174,90**	**56 937 215**

Exportação Brasileira de Café

XI — Janeiro a Dezembro de 1945 em comparação com 1944

I — DETALHE MENSAL

MESES	1944		1945		DIFERENÇA (para + ou —)	
	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS
Janeiro	1 293 662	360 789 934,40	1 107 576	317 958 233,30	— 186 086	— 42 831 701,10
Fevereiro	901 969	258 867 569,10	918 060	245 055 318,80	+ 16 091	— 13 812 250,30
Março	941 201	266 862 148,20	937 571	259 903 512,10	— 3 630	— 6 958 636,10
Abril	1 566 487	459 254 618,60	843 587	232 685 415,90	— 722 900	— 226 569 202,70
Maio	1 205 881	344 518 068,70	594 172	170 151 681,00	— 611 709	— 174 366 387,70
Junho	789 433	220 218 168,10	1 415 252	403 048 904,90	+ 625 819	+ 182 830 736,80
Julho	759 093	218 348 558,00	1 638 967	481 142 904,40	+ 879 874	+ 262 794 346,40
Agôsto	1 160 157	331 522 260,60	1 600 269	473 357 858,50	+ 440 112	+ 141 835 607,90
Setembro	1 069 036	309 646 514,10	1 511 162	461 578 351,90	+ 442 126	+ 151 931 837,80
Outubro	1 132 141	323 295 712,50	1 068 368	320 555 832,60	— 63 773	— 2 739 879,90
Novembro	1 159 064	325 489 388,00	1 060 995	352 210 967,60	— 198 069	+ 26 721 579,60
Dezembro	1 579 998	461 192 970,90	1 486 073	523 159 183,90	— 93 925	+ 61 966 213,00
Ano	**13 558 122**	**3 880 005 911,20**	**14 172 052**	**4 240 808 174,90**	**+ 613 930**	**+ 360 802 263,70**

II — PORTOS DE PROCEDÊNCIA

PORTOS DE PROCEDÊNCIA	1944		1945		DIFERENÇA (para + ou —)	
	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS
Santos	10 975 685	3 251 724 303,30	10 278 935	3 235 078 278,90	— 696 750	— 16 646 024,40
Rio de Janeiro	1 935 302	475 964 913,10	2 422 302	674 054 252,50	+ 487 000	+ 198 089 339,40
Vitória	223 893	40 312 670,30	997 183	194 605 652,60	+ 773 290	+ 154 292 982,30
Angra dos Reis	140 463	40 254 030,40	96 366	30 825 904,70	— 44 097	— 9 428 125,70
Paranaguá	149 095	39 846 882,40	67 375	21 562 184,20	— 81 720	— 18 284 698,20
Bahia	65 842	14 631 504,70	146 773	37 575 252,60	+ 80 931	+ 22 943 747,90
Recife	63 816	16 332 956,70	159 965	46 150 346,40	+ 96 149	+ 29 817 389,70
Florianópolis	—	—	1 983	605 265,00	+ 1 983	+ 605 265,00
Belém	3 366	790 452,90	1 170	351 038,00	— 2 196	— 439 414,90
Manáus	660	148 197,40	—	—	— 660	— 148 197,40
Total	**13 558 122**	**3 880 005 911,20**	**14 172 052**	**4 240 808 174,90**	**+ 613 930**	**+ 360 802 263,70**

Cotação dos cafés brasileiros no disponível

JANEIRO DE 1946

DIA	MERCADOS							
	SANTOS	RIO	VITÓRIA	NOVA YORK EM CENTS. POR LIBRA (453,6)			
	TIPO 4 (mole)	EM CRUZEIROS		SANTOS		RIO	
		Tipo 7	Tipo 7	Tipo 4	Tipo 7	Tipo 6	Tipo 7
2	Nominal	—	31,70	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
3	„	37,10	31,70	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
4	„	37,10	31,70	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
5	„	37,10	32,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
7	Nominal	37,20	32,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
8	„	37,20	32,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
9	„	37,20	32,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
10	„	36,70	31,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
11	„	36,70	31,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
12	„	36,90	31,70	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
14	Nominal	37,00	31,70	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
15	„	37,00	31,70	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
16	„	37,20	32,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
17	„	37,20	32,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
18	„	37,10	32,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
19	„	37,00	32,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 3,57
21	Nominal	37,00	31,70	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
22	„	36,80	31,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
23	„	36,80	31,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
24	„	36,80	31,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
25	„	36,70	31,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
26	„	36,70	31,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
28	Nominal	36,50	31,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
29	„	36,50	31,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
30	„	36,50	31,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
31	„	—	—	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Média	—	**36,92**	**31,68**	**13 37,5**	**12 62,5**	**9 50**	**9 37,5**
Média :							
Janeiro — 1945	Nominal	30,57	27,86	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
„ — 1944	„	25,67	22,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
„ — 1943	„	26,66	24,65	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
„ — 1942	43,20	28,44	25,00	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5

NOTA : — SANTOS — Rio e Vitória — Bolsas Oficiais fechadas ;
„ — Cotação nominal segundo a Associação Comercial de Santos ;
RIO — Cotações fornecidas pelo Centro do Comércio de Café do Rio ;
VITÓRIA — Cotações fornecidas pela Agência Panameuro.

Cotação do disponível em Nova York

CAFÉS ESTRANGEIROS

JANEIRO DE 1946

(Cif. Cents. por Libra = 453,6 grs.)

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 31	MÉDIA
COLÔMBIA :		
Medellin Excelso	16 1/4	16 /14
Armênia	16 1/16	16 1/16
Manizales	15 7/8	15 7/8
Cucuta	15 5/8	15 5/8
Bogotá	15 5/8	15 5/8
Girardot	15 5/8	15 5/8
Tolima	15 5/8	15 5/8
Ocana	15 1/4	15 1/4
COSTA RICA :		
Prime	16 00	16 00
Fine Atlantic	15 1/2	15 1/2
CUBA :		
Bom Lavado	14 1/4	14 1/4
EQUADOR :		
Lavado	13 1/4	13 1/4
GUATEMALA :		
Antigua	16 3/4	16 3/4
Extra Prime	15 3/4	15 3/4
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
Bourbon	14 1/8	14 1/8
HAITI :		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
MÉXICO :		
Coatepec	16 1/2	16 1/2
Tapachula	15 1/2	15 1/2
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
NICARÁGUA :		
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
SALVADOR :		
Prime Lavado	15 3/4	15 3/4
REPÚBLICA DOMINICANA :		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
Natural "Sweet"	11 1/4	11 1/4
SURINAM	7 3/4	7 3/4
TRINIDAD	14 1/2	14 1/2

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

JANEIRO DE 1946

(Cif. Cents. por Libra = 453,6 grs.)

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 31	MÉDIA
VENEZUELA :		
Maracaibo Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
Tachira Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
Tachira Lavado Bom	15 1/8	15 1/8
Tachira Lavado Ordinário	14 5/8	14 5/8
ÁFRICA PORTUGUÊSA DO OESTE :		
Amboim	11 1/4	11 1/4
Encoge	11 00	11 00
ÍNDIAS HOLANDESAS DO OESTE :		
Java Genuino Lavado	19 1/2	19 1/2
Mandheling	25 00	25 00
Java Robusta Lavado	11 1/4	11 1/4
Natural Java Robusta	10 1/2	10 1/2
MOCA (ARÁBIA) :		
Moca	18 1/2	18 1/2
ABISSÍNIA :		
Long Berry Harrar	17 00	17 00
CONGO BELGA :		
Lavado Robusta	12 1/2	12 1/2
Natural Robusta	11 1/4	11 1/4
HAVAI :		
N.º 1 Extra Prime	16 1/2	16 1/2
HONDURAS :		
Bom Lavado	15 00	15 00
JAMAICA :		
Lavado	14 1/2	14 1/2
Natural A	11 1/2	11 1/2

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

JANEIRO DE 1946

DIAS	LONDRES Dolar por £	MADRID Cents. por peseta (comercial)	ZURICH Cents. por Franco (comercial)	RIO DE JANEIRO Cents. por Cr. $	B. AIRES Cents. por Pêso	LISBOA Cents. por Escudo	CANADÁ Cents. por Dolar	STOCKOLMO Cents. por Corôa
2	4 03 37	9 20 00	23 33 00	5 18 00	24 70 00	4 07 00	90 75 00	23 85 00
3 a 11	4 03 37	9 20 00	23 33 00	5 18 00	24 68 00	4 07 00	90 75 00	23 85 00
12	4 03 37	9 20 00	23 33 00	5 18 00	24 53 00	4 07 00	90 75 00	23 85 00
14 e 15	4 03 37	9 20 00	23 33 00	5 18 00	24 50 00	4 07 00	90 75 00	23 85 00
16 a 31	4 03 37	9 20 00	23 33 00	5 18 00	24 60 00	4 07 00	90 75 00	23 85 00
Média	**4 03 37**	**9 20 00**	**23 33 05**	**5 18 00**	**24 61 81**	**4 07 00**	**90 75 00**	**23 85 00**

Câmbio em São Paulo sôbre diversas praças

MÉDIA DIÁRIA

JANEIRO DE 1946

Bolsa Oficial de Valores de São Paulo

DIA	INGLATERRA		ESTADOS UNIDOS		LIVRE							
	LIVRE	OFICIAL	LIVRE	OFICIAL	PORTUGAL	ARGENTINA	CHILE	SUÉCIA	ESPANHA	SUÍÇA	URUGUAI	FRANÇA
1	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,80	—	0,62 15/16	4,72	—	—	—	—
3	78,90 1/16	—	19,50	—	0,79 1/2	—	—	4,72	—	—	—	—
4	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,80	—	0,62 15/16	—	1,80	4,65	—	—
5	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 3/4	—	0,62 15/16	—	—	—	—	—
7	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/16	—	—	—	—	—	—	—
8	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/8	4,91	0,62 15/16	—	—	—	—	—
9	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,80	4,95	0,62 15/16	4,72	—	—	—	—
10	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 15/16	—	0,62 15/16	4,72	1,80	—	—	—
11	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/16	—	0,62 15/16	4,72	—	—	—	—
12	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/16	—	0,62 15/16	4,72	1,80	—	11,04 7/8	—
14	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/16	—	0,62 15/16	4,72	—	—	—	—
15	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 9/16	4,91 3/16	0,62 15/16	—	1,80	—	—	0,43 1/2
16	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/16	—	0,62 15/16	4,70	—	—	—	—
17	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 1/4	16,50	0,79 13/16	—	0,62 15/16	4,72	1,80	—	—	—
18	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 13/16	—	0,62 15/16	4,72	—	—	—	—
19	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/16	—	0,62 15/16	4,72	1,80	—	—	—
21	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/16	—	0,62 15/16	—	—	—	—	—
23	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 5/8	16,50	0,79 1/2	4,95	0,62 15/16	—	—	—	—	—
24	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 1/4	4,93	0,62 15/16	—	1,80	4,63	—	—
26	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	0,79 5/16	—	0,62 15/16	—	—	4,63	—	—
28	78,90 1/16	—	19,50	16,50	—	—	0,62 15/16	—	1,80	4,63	—	—
29	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50	16,50	—	—	0,62 15/16	4,70	—	4,63	—	—
30	78,90 1/16	66,49 1/2	19,50 5/16	16,50	0,79 5/8	—	0,62 15/16	—	1,80	—	—	—
Média	**78,90 1/16**	**66,49 1/2**	**19,50 1/32**	**16,50**	**0,79 9/16**	**4,93 1/16**	**0,62 15/16**	**4,71 5/8**	**1,80**	**4,63 13/32**	**11,04 7/8**	**0,43 1/2**

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

JANEIRO DE 1946

MERCADO LIVRE — VENDA À VISTA

DIAS	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Peso	URUGUAI Peso	CHILE Peso	SUÉCIA Corôa
3	78 90 1/16	19 50 00	4 65 00	0 79 5/16	4 73 5/16	11 04 7/8	0 62 15/16	4 72 00
4 a 17	78 90 1/16	19 50 00	4 65 00	0 79 5/16	4 82 1/2	11 04 7/8	0 62 15/16	4 72 00
18 a 22	78 90 1/16	19 50 00	4 65 00	0 79 5/16	4 82 11/16	11 04 7/8	0 62 15/16	4 72 00
23	78 90 1/16	19 50 00	4 65 00	0 79 5/16	4 83 5/16	11 04 7/8	0 62 15/16	4 72 00
24 e 25	78 90 1/16	19 50 00	4 65 00	0 79 5/16	4 82 11/16	11 04 7/8	0 62 15/16	4 72 00
26	78 90 1/16	19 50 00	4 65 00	0 79 5/16	4 81 3/16	11 04 7/8	0 62 15/16	4 72 00
28 e 29	78 90 1/16	19 50 00	4 65 00	0 79 5/16	4 81 1/2	11 04 7/8	0 62 15/16	4 72 00
30	78 90 1/16	19 50 00	4 65 00	0 79 5/16	4 81 1/16	11 04 7/8	0 62 15/16	4 72 00
Média	78 90 1/16	19 50 00	4 65 00	0 79 5/16	4 84 1/2	11 04 7/8	0 62 15/16	4 72 00

MERCADO LIVRE — COMPRA À VISTA

DIAS	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Peso	URUGUAI Peso	CHILE Peso	SUÉCIA Corôa
3	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 72 11/16	10 69 5/8	0 59 9/16	4 59 7/8
4 e 5	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 72 7/16	10 69 5/8	0 59 9/16	4 59 7/8
7 e 8	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 72 7/16	10 69 5/8	0 59 9/16	4 59 7/8
9 e 10	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 72 11/16	10 69 5/8	0 59 9/16	4 59 7/8
11 a 14	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 71 7/8	10 69 5/8	0 59 9/16	4 59 7/8
15	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 75 1/16	10 69 5/8	0 59 9/16	4 59 7/8
16 e 17	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 71 7/8	10 69 5/8	0 59 9/16	4 59 7/8
18 a 22	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 73 00	10 69 5/8	0 59 9/16	4 59 7/8
23	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 73 9/16	10 72 1/4	0 59 9/16	4 59 7/8
24 e 25	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 73 7/16	10 72 1/4	0 59 9/16	4 59 7/8
26	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 73 9/16	10 72 1/4	0 59 9/16	4 59 7/8
28 e 29	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 71 7/8	10 72 1/4	0 59 9/16	4 59 7/8
30	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 71 1/4	10 72 1/4	0 59 9/16	4 59 7/8
Média	77 77 15/16	19 30 00	4 48 3/4	0 78 5/16	4 72 5/8	10 70 1/2	0 59 9/16	4 59 7/8

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

JANEIRO DE 1946

MERCADO OFICIAL — VENDA À VISTA

DIAS	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	URUGUAI Peso	SUÉCIA Corôa
1 a 31	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c

MERCADO OFICIAL — COMPRA À VISTA

DIAS	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	URUGUAI Peso	SUÉCIA Corôa
3 a 21	66 49 1/2	16 50 00	3 84 7/8	0 67 1/8	9 14 3/16	3 93 3/4
22 a 31	66 49 1/2	16 50 00	3 84 7/8	0 67 1/8	9 16 11/16	3 93 3/4
Média	66 49 1/2	16 50 00	3 84 7/8	0 67 1/8	9 15 00	3 93 3/4

Índice da Matéria

COLABORAÇÃO: PÁG.

Retrospecto mensal do mercado de café em Santos — Janeiro de 1946 64

Café, Erosão e Reflorestamento — J. C. Mello 66

Distribuição geográfica e classificação botânica do gênero *Coffea* com referência especial à espécie *Arabica* — Alcides Carvalho 69

Relatório de uma viagem de estudos sôbre a lavoura cafeeira nos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo — J. E. T. Mendes, C. A. Krug e J. Bergamin . . . 74

ESTATÍSTICAS:

Movimento da Safra 1942/43 (até 31 de Janeiro de 1946) 92

Movimento da Safra 1943/44 (até 31 de Janeiro de 1946) 93

Movimento da Safra 1944/45 (até 31 de Janeiro de 1946) 94

Movimento da Safra 1945/46 (até 31 de Janeiro de 1946) 95

Café Paulista entrado em Santos — I — Safra por estrada de procedência — Janeiro de 1946 96

Café Paulista (preferencial) entrado em Santos — II — Mês de despacho por estrada de procedência — Janeiro de 1946 97

Café Mineiro, Goiano e Paranaense entrado em Santos — III — Safra por estrada de procedência — Janeiro de 1946 98

Resumo do café entrado em Santos — IV — Safra por Estado de procedência — Janeiro de 1946 98

Café Paulista recebido a despacho com destino a Santos — Safra 1945/46 . . . . Apenso

Café Paulista recebido a despacho com destino ao Rio de Janeiro — Safra 1945/46 . . Apenso

Movimento de café em Santos — Safra 1945/46 . . . . . Apenso

Exportação Brasileira de Café — 1946 . . . . . 2.ª de capa

Café disponível nos portos de exportação do Brasil . . . . . 3.ª de capa

Café Paulista entrado no Rio de Janeiro — I — Safra por estrada de procedência — Janeiro de 1946 99

Resumo do café entrado no Rio de Janeiro — II — Por Estado de procedência — Janeiro de 1946 99

Exportação Brasileira de Café — Por destino — Dezembro de 1945 100

Cotação dos cafés brasileiros no disponível — Janeiro de 1946 111

Cotação do disponível em Nova York — Cafés estrangeiros — Janeiro de 1946 . . . 112

Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — Janeiro de 1946 113

Câmbio em São Paulo sôbre diversas praças — Janeiro de 1946 114

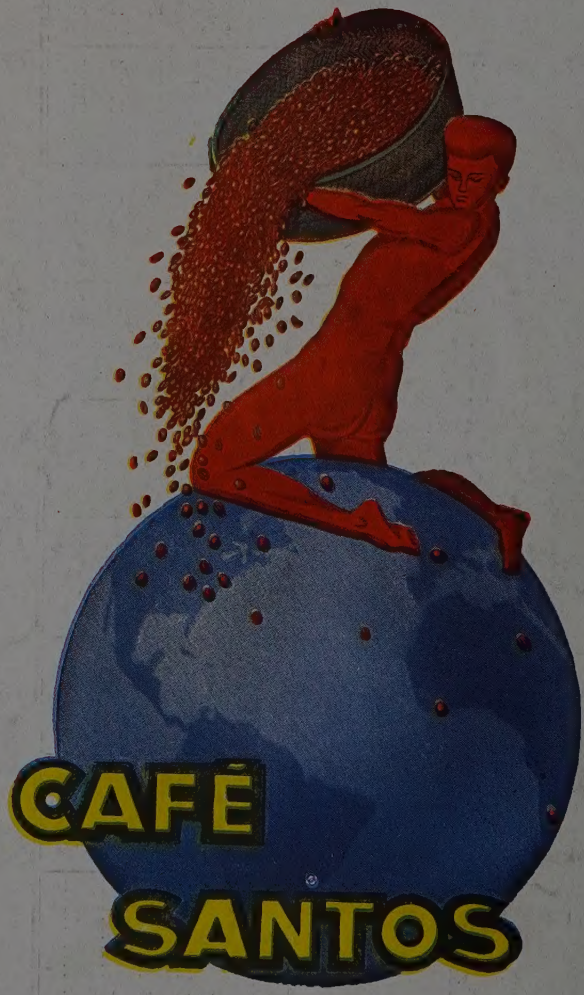
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Mercado Livre — Janeiro de 1946 115

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Mercado Oficial — Janeiro de 1946 115

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

Saca de 60 quilos

	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	BAHIA	PARANAGUÁ	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
Janeiro	2 441 958	542 130	191 146	57 175	82 183	1 007	82 205	3 397 804
Janeiro — 1945	3 582 540	705 363	535 594	67 361	17 234	18 775	39 102	4 965 969
„ — 1944	2 145 368	628 596	231 537	55 615	77 463	34 409	26 753	3 199 741
„ — 1943	1 584 738	275 518	115 890	40 722	75 404	6 745	18 014	2 117 031
„ — 1942	1 379 146	326 486	160 563	29 115	48 028	50 981	38 313	2 032 632


CAFÉ
SANTOS